



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**Superintendência de Pesquisa e Pós Graduação**  
**Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania**

**GABRIELA VIANNA GUERREIRO DE NORONHA**

**A OPULÊNCIA PLANEJADA E A DÚVIDA DO DESTINO DO LIXO**

**Salvador**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**GABRIELA VIANNA GUERREIRO DE NORONHA**

**A OPULÊNCIA PLANEJADA E A DÚVIDA DO DESTINO DO LIXO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Denise Freitas Dornelles

Salvador

2008

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**GABRIELA VIANNA GUERREIRO DE NORONHA**

### **A OPULÊNCIA PLANEJADA E A DÚVIDA DO DESTINO DO LIXO**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 15 de dezembro de 2008

Banca Examinadora:

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Stella Rodrigues dos Santos**  
Universidade do Estado da Bahia

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabela Cardoso de Matos  
Pinto**  
Universidade Católica do Salvador

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Freitas Dornelles**  
Orientadora  
Universidade Católica do Salvador

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes de minha vida: minha família, e, em especial, a minhas tias, Lia e Iba.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela minha vida;

À Universidade Católica do Salvador;

À Faculdade Santíssimo Sacramento;

À Coordenadora do curso, Ângela  
Borges, pela amizade;

À Orientadora Professora Dr<sup>a</sup>. Denise  
Dornelles, pela confiança,  
companheirismo, dedicação, amizade e  
consciência profissional;

Às professoras do Mestrado

Às pessoas pesquisadas, que  
possibilitaram uma relação de parceria.

**A verdade é que, depois de séculos de modernidade, o vazio do futuro não pode ser preenchido nem pelo passado nem pelo presente.**

**O vazio do futuro é tão-só um futuro vazio.**

**Penso, pois, que, perante isso, só há uma saída : reinventar o futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades, cartografado por alternativas radicais às que deixaram de o ser.**

***Boaventura de Souza Santos***

## **RESUMO**

O trabalho aborda a relação produzir–consumir–descartar, inerente ao modo de produção capitalista, tendo o lixo como premissa para análise da principal dicotomia vivida no século XXI: de um lado, a filosofia da sustentabilidade e, do outro, o mercado livre e globalizado, incrementado pelo modelo neoliberal. Para uma análise mais profunda foi feito um recorte com o estudo de caso da realidade do município de Alagoinhas – BA, pesquisando se a concepção de lixo dos moradores da zona urbana da cidade interfere na sua forma de descartar os resíduos dos itens por eles consumidos. Foi verificado que, dependendo do elemento econômico, da cultura/ideologia e da escolaridade do sujeito, o lixo adquire um significado diferente e que só se joga fora aquilo que não tem valor.

Palavras - chave: Opulência Planejada. Lixo. Desenvolvimento Sustentável.

## **ABSTRACT**

The work approaches the relation to produce - to consume - to discard, inherent to the way of capitalist production, having the garbage as premise for analysis of the main dichotomy lived in century XXI, of a side the philosophy of the sustentabilidade and the other the free and globalization market developed by the neoliberal model. For a deeper analysis a clipping with the study of case of the reality of the city of Alagoinhas was made - BA, searching if the garbage conception of the inhabitants of the urban zone of the city intervene with its form to discard the residues for consumed them. It was found that depending on the economic element, the cultural / educational ideology and the subject of the trash acquire a different meaning and that only plays out what has no value.

Keywords: Planned opulence. Garbage. Sustainable Development.



# **SUMÁRIO**

## **INTRODUÇÃO, 8**

### **1 A PRODUÇÃO OPULENTE E A OPULÊNCIA PLANEJADA, 12**

#### **1.1 O Trabalho como Divisor de “Águas”, 22**

### **2 A COMPLEXIDADE E O PORQUÊ DA DÚVIDA, 30**

#### **2.1 A Construção da Categoria Lixo, 37**

### **3 O CAMINHO DA ARTE DA PESQUISA, 46**

#### **3.1 A Percepção dos Moradores de Alagoinhas - BA Sobre Produção, Consumo e Descarte, 53**

##### **3.1.1 Perfil dos bairros estudados, 57**

##### **3.1.2 Reconhecimento dos residentes, 61**

##### **3.1.3 A prática de consumo e descarte dos moradores, 64**

### **4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS PARA O DESTINO DO LIXO, 74**

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, 79**

## **REFERÊNCIAS CONSULTADAS, 84**

## **GLOSSÁRIO, 93**

## **ANEXOS**

### **A- Entrevista de Sondagem, 95**

### **B- Exemplo de Marketing Ambiental, 96**

### **C- Termo de Consentimento Livre, Após Esclarecimento, 97**

## INTRODUÇÃO

A dissertação *Opulência Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo* apresenta como objeto de estudo o significado que o lixo tem para os moradores de Alagoinhas-Ba. Justifica-se a pesquisa pela perspectiva de que o refugo está vinculado diretamente à cultura da vida contemporânea, consumista e individualista; daí a importância de estudar o seu significado na vida das pessoas, de discutir questões como o aumento excessivo da produção e do consumo dos recursos naturais, de questionar como a natureza pode absorver este imenso volume de lixo e buscar possíveis destinos para os resíduos do consumo.

Na verdade, o ser humano, como integrante do sistema da vida, é o único capaz de modificar, de forma positiva e/ou negativa, as condições ambientais do planeta. A produção humana dos bens de consumo é um exemplo real desta afirmativa. Foi a Revolução Industrial que promoveu mudanças na economia, influenciando a maneira pela qual as pessoas se relacionam com o meio onde vivem. Essas transformações fizeram surgir os primeiros problemas ambientais que, gradativamente, vêm se ampliando e que demandam estudo e pesquisa para que a Terra venha a ser um mundo melhor.

Vale destacar que, graças ao acúmulo de conhecimento técnico e científico, pequenos passos já são dados por grupos de ambientalistas e ecologistas – os chamados sonhadores – que trazem a proposta de reconstruir, no imaginário coletivo, a vida, de forma mais democrática e mais humana. Até mesmo alguns espaços produtivos já reconhecem a necessidade de repensar os modelos de produção.

Assim, compreender a questão ambiental como complexa é uma noção diferenciada que está presente em minha vida desde a primeira graduação quando, na monografia de conclusão do curso, demonstrei ser o Assistente Social o profissional vocacionado para trabalhar as questões ambientais. Isso porque já acreditava que a relação homem-meio ambiente deveria ser melhor trabalhada para se chegar à compreensão do sujeito social total.

Procurei desenvolver minha formação profissional sempre vinculada às questões sociais e ambientais. Hoje, como Assistente Social e Licenciada em

Ciências Sociais, atuo como professora universitária e também como Assistente Social na Faculdade Santíssimo Sacramento. Por entender que a questão ambiental é um paradigma universal e complexo, acabei me especializando em Gerenciamento Ambiental.

Trabalhei no Programa de Saneamento Básico Bahia Azul, em programas de educação ambiental da Petrobras, fui coordenadora de projetos de coleta seletiva; e acredito que as questões ambientais precisam ser estudadas interdisciplinarmente, pois são relevantes e fundamentais na busca de alternativas para o alcance de uma melhor qualidade de vida.

Sendo assim, busquei o mestrado, para que pudesse me qualificar e contribuir com a dimensão ambiental, tendo em vista a construção do eco-desenvolvimento.

Acredito que o Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador melhor traduz a relação sistêmica e interdisciplinar que busco e que a linha de pesquisa - Trabalho, Questão Social e Cidadania é a possibilidade que melhor acolhe especificações sobre produção - consumo - descarte, que é o objeto desta investigação.

O trabalho estuda a proposta de produção opulenta do modelo capitalista, que vem se agravando nesta releitura de capitalismo neoliberal globalizado, e tem o lixo como elemento diretamente relacionado à renda e às condições de vida da população. Assim, problematizo de que forma a percepção /o significado de lixo interfere no descarte dos moradores, na zona urbana, do município de Alagoinhas - Ba?

A dissertação aborda as mudanças ocorridas na sociedade industrial com ênfase no processo de reestruturação produtiva, a partir da perspectiva do trabalho como o divisor de águas da relação homem – natureza, e tem como objetivo geral analisar, a partir das mudanças ocorridas na sociedade industrial, a relação entre o significado de lixo e a forma do descarte, na zona urbana da cidade de Alagoinhas – BA. Para compreender esta questão de modo mais específico, pretendo relacionar a opulência planejada com a geração de resíduos e a qualidade de vida; conhecer a prática utilizada para a destinação do lixo; verificar as preferências e hábitos dos indivíduos acerca do

consumo, além de propor possíveis destinos para o lixo no município de Alagoinhas - Bahia.

O primeiro capítulo da dissertação - A Produção Opulenta e a Opulência Planejada discute o termo Opulência fundamentando-me em autores como Harvey, Lago, Pádua e ainda destaco Genebaldo Freire Dias e documentos oficiais como o PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O capítulo apresenta também o conceito de Obsolescência Planejada. O texto apresenta o lixo como elemento de grande significado para os sujeitos sociais e de contraditórias significações na dimensão em que se relaciona diretamente com o modelo de produção, o tipo de consumo e forma de descarte. Ainda dialoga com Rouanet, em seu questionamento: Por que o moderno envelhece tão rápido? O subcapítulo-Trabalho como Divisor de Águas, revela um panorama das mudanças ocorridas na sociedade industrial; fundamenta-se em Capra, Borges, Braverman, Lacoste, Celso Furtado e Leila da Costa Ferreira, ao levantar a discussão do que vem a ser desenvolvimento, apoiando-se em Sachs para respaldar a argumentação da sustentabilidade.

O segundo capítulo - A Complexidade e o Porquê da Dúvida traz autores como Morin, Milton Santos e Max Weber, para apresentar a incoerência das ações práticas do ser humano na atual conjuntura. Em contrapartida, propõe o paradigma da complexidade como elucidador de uma nova postura em relação à vida. O subcapítulo intitula-se A Construção da Categoria Lixo, fundamenta-se em Frota-Pessoa, Mumford, Grippi, em Arlete Rodrigues e apresenta as construções dicotômicas do conceito de lixo ao longo da história. Seu conteúdo demonstra que foram à produção e o consumo os causadores da ruptura *ontológica*<sup>1</sup> entre a natureza e o homem.

O terceiro momento da dissertação discorre sobre O Caminho da Arte da Pesquisa, apresentando método e técnicas escolhidos para desenvolver o trabalho. Os autores que se destacam são: Minayo, Konder e Morin. No seu subcapítulo - A Percepção dos Moradores de Alagoinhas sobre Produção-Consumo-Descarte faço um recorte para o estudo da realidade urbana de Alagoinhas - BA, espaço escolhido, analisando a percepção dos moradores a partir das entrevistas aplicadas.

---

<sup>1</sup>Todas as expressões destacadas em itálico no corpo do texto encontram-se no glossário da dissertação.

O quarto capítulo - Possibilidades e Alternativas para o Destino do Lixo, responsabiliza-se em apontar caminhos e demonstrar medidas *mitigadoras* para que a relação conflituosa consumir-produzir-descartar possa ocorrer da forma menos danosa, mais equilibrada e justa. Ainda neste texto, destacam-se autores como Victorino, Branco e Grippi.

O momento das considerações finais revela o caminho do desenvolvimento local sustentado, passando pela Educação Ambiental, como a melhor alternativa à realidade, e aborda Leff, Polleto e Ignacy Saches.

Para que se possibilitem constatações e se vislumbrem possibilidades diante de temática tão complexa, como o ambiente da vida e a moderna cultura consumista do refugo, foi preciso analisar criticamente documentos e relatórios oficiais como, por exemplo: PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente; UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento; *Agenda 21*, já que a dissertação: *A Opulência Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo* trabalha a complexidade do modelo de produção.

Neste trabalho, demonstro a preocupação de que o lixo não vire proposta comercial sem incorporação social – ambiental, na qual se corre o risco de não se levar em conta o fato de que os produtos de última geração são luxos exclusivos de pequena parcela da população mundial e que os efeitos dessa produção destrutiva atingem a todos os habitantes do planeta, principalmente os mais pobres.

Desenvolver temáticas como esta contribui para a compreensão dos diferentes significados atribuídos ao lixo na sua relação com as diversas formas de descarte, proporcionando interferências que geram conseqüências positivas para todos. Acredito ser possível atingir a prática dos empresários, políticos, gestores ambientais e sociedade civil, ao incentivar uma ação ética nas relações de produção, consumo e descarte.

# Capítulo 1

## A PRODUÇÃO OPULENTE E A OPULÊNCIA PLANEJADA

*Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micro-políticas e micro-sociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que esta é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que elas trabalhem para a humanidade e não mais para o simples reequilíbrio permanente do Universo das semióticas capitalísticas.*

*Félix Guattari*

# 1 A PRODUÇÃO OPULENTE E A OPULÊNCIA PLANEJADA

Ao abordar a produção opulenta, opulência planejada e relacioná-la à dúvida do destino do lixo, nota-se que o problema é gerado pelo modelo de produção e consumo sócio-espacial capitalista.

A história demonstra que hoje, cada vez mais, coisas novas são produzidas para substituir outras tornadas menos atraentes ou que foram ultrapassadas em utilização. Existe um sentimento coletivo de declarar coisas como inúteis e descartá-las a fim de se criar a necessidade do novo, do mais aperfeiçoado; está aí a produção opulenta/a opulência planejada.

Isso não ocorre por acaso, a ordem vigente incentiva o consumo e a vida de posses, fazendo com que as pessoas (todas, independente da classe social) desejem comprar, e assim movimentam-se o mercado.

Esta questão complexa nos leva à necessidade de compreender que se a apropriação e distribuição ocorrem de forma desigual entre as classes sociais; também é desigual a relação dos sujeitos sociais com os frutos dessa apropriação. A relação com o lixo é o melhor exemplo. O que é lixo para você? A resposta dependerá, com certeza, de quem seja você!

Em uma conjuntura em que os valores e padrões sociais se pautam em individualismo e em imediatismo, não existe preocupação com as conseqüências; isso porque a noção de tempo (privado de sentido) oculta a natureza e a produção social do espaço.

Isso acontece pela mercantilização da natureza; nessa relação, tudo funciona em um só sentido, o do capital, pautado na relação produzir - consumir.

As leis do mercado vão dominando a sociedade inteira. Todos os valores humanos autênticos vão sendo destruídos pelo dinheiro, tudo vira mercadoria, tudo pode ser comercializado, todas as coisas podem ser vendidas ou compradas por um determinado preço (KONDER, 1981, p.34).

Essa relação desequilibrou a sustentabilidade ecológica, o que traz graves conseqüências para a qualidade de vida dos sujeitos sociais. Genebaldo Freire Dias (2002) explica que o modelo de desenvolvimento

adotado, enquanto gera exclusão social, por um lado, gera opulência, por outro, e ambos degradam. O autor argumenta que o modelo também provoca uma crise de percepção. Para se manter o atual estilo de vida, destroem-se os sistemas de vida na Terra.

Esse modelo se ancora na Obsolescência Planejada, ou *hipertelia*, que consiste em “diminuir propositadamente o tempo útil dos produtos, de forma a forçar a renovação constante do seu consumo” (LAGO; PÁDUA, 1989, p.32), idéia corroborada por Rouanet (1992), quando questiona: Por que o moderno envelhece tão rápido?

Só para exemplificar, vale relatar que tenho uma máquina fotográfica em casa da marca Minolta que me custou um alto preço, pois fotografava embaixo d'água; acontece, no entanto, que a mesma não tem hoje nenhuma utilidade, pois apesar de estar em perfeito estado, seu filme não existe mais no mercado; a máquina foi adquirida em 1998. Isso não acontece gratuitamente ou por acaso, é a “mão invisível do mercado” agindo sobre a produção e circulação de mercadorias. O mesmo ocorre com os LPs, fitas VHS e seus videocassetes, entre outros produtos eletro - eletrônicos.

Diretamente relacionada à Obsolescência Planejada, esta a Produção Opulenta, que significa produzir artigos cada vez mais caros e sofisticados para atender a um consumidor privilegiado, o que assegura o crescimento da produção capitalista e de sua lucratividade, sem representar um aumento real nas satisfações sociais e no bem-estar coletivo. “Esta outra situação causa uma falsa imagem de progresso e agrava ainda mais os problemas sociais, urbanos e ambientais” (LAGO; PADUA, 1989, p.45).

Alguns indicadores comprovam o fenômeno da falsa imagem de progresso, como: os 10 países mais ricos detinham, em 1993, mais de 80% dos gastos mundiais com pesquisas e desenvolvimento, controlavam 95% das patentes registradas nos EUA e 80% das concedidas nos países em desenvolvimento - concentração do conhecimento na chamada era do conhecimento. Na mesma linha, hoje os países industrializados têm 19% da população do mundo, detendo 86% do produto e do consumo, 82% das exportações, 71% do comércio mundial, 68% dos investimentos diretos e 95,3% dos usuários de internet (PNUD, 2002).



Ainda pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2005), sabe-se que as três pessoas mais ricas do planeta, juntas, detêm ativos superiores ao Produto Interno Bruto dos 48 países mais pobres, juntos. E as 200 pessoas mais ricas, cada uma delas com ativos superiores a um bilhão de dólares, detêm juntas, mais do que a renda anual de 45% da humanidade.

Os dados estatísticos nos mostram que a produção opulenta não traz desenvolvimento, nem qualidade de vida para todos. O que ocorre é que, para o ciclo da produção-consumo manter-se, é necessário que existam os beneficiados economicamente e os prejudicados com o jogo, situação observada em nível econômico, pois ambientalmente esta rede de produção prejudica a todos, ao Planeta, à “Teia da Vida”.

É característica dos tempos pós-modernos o consumo como estilo de vida; as pessoas querem sempre “atualizarem-se” em modelos e processos, comprando pelo simples desejo inconsciente de pertencer à sociedade do ter, sem na verdade precisar de determinado bem. Exemplo disto são as trocas constantes de equipamentos eletrônicos por modelos mais modernos, que acabam, depois de adquiridos, subutilizados. É a novidade de hoje que torna a de ontem *obsoleta*. Nesta perspectiva, quem não consome a novidade acaba sendo considerado também ultrapassado, fora de moda, desatualizado.

Existe uma consciência coletiva de que o cidadão é o consumidor/usuário. Esta construção é reproduzida pelo modelo econômico obedecendo a mecanismos históricos, políticos, culturais, desde a revolução industrial.

Comprar, na sociedade contemporânea, é resultado de uma cultura surgida com a revolução industrial, que estava vinculada ao poder aquisitivo, levando o indivíduo ao hábito de consumir para, a partir de suas posses/bens, impor-se como alguém e não como mais um.

O modelo capitalista cria a equação produzir - consumir com diversas roupagens, o que hoje é incrementado pela sedução dos planos de marketing e das políticas de financiamento. Consumir passou a ser muito mais que uma necessidade de adquirir bens indispensáveis à sobrevivência, tornou-se

obsessão. A relação com as compras assume aspecto de modismo, prazer, doença.

A psicóloga Roberta Biolcate, professora da Universidade de Bolonha, na Itália, constatou que, nos últimos anos, o aumento na procura de tratamento de problemas relacionados com consumo é de 90% (Revista Mente e Cérebro - Psicologia do Consumo, 2007). O professor de Sociologia do Consumo da Universidade de Milão, Vanni Codeluppi (Revista Mente e Cérebro - Psicologia do Consumo, 2007), lembra que foram as lojas de departamento os primeiros locais onde as mulheres puderam andar sozinhas. O que não é surpresa, pois a atividade do consumo está historicamente relacionada à função social da mulher. Segundo, Codeluppi, é neste momento que surgem as marcas e a explosão do consumo. Para o autor comprar passou a ser considerado um acontecimento social e foram criadas áreas comerciais para atrair pessoas.

É consenso que o consumismo como estilo de vida gera insatisfação constante, o que é positivo para o projeto capitalista pois, assim, o indivíduo sempre estará consumindo na busca insaciável de sua satisfação.

O psiquiatra alemão Emil Kraepelin (Revista Mente e Cérebro - Psicologia do Consumo, 2007), foi o primeiro cientista a usar, em 1995, a expressão “mania de comprar”. Este impulso é a questão problema -Opulência Planejada - aqui apresentada; porque compramos o que não precisamos e trocamos estes bens adquiridos por outros mais luxuosos ou modernos com uma velocidade desnecessária, e isso só gera mais um elemento na equação produzir-consumir, que é o descartar.

No texto Consumo Logo Existo, de Frei Betto, o autor aborda o paradoxo consumo-dependência, ao desenvolver teorizações sobre o tema:

Ao visitar em agosto a admirável obra social de Carlinhos Brown, no Candeal, em Salvador, ouvi-o contar que na infância, vivida ali na pobreza, ele não conheceu a fome. Havia sempre um pouco de farinha, feijão, frutas e hortaliças. "Quem trouxe a fome foi a geladeira", disse. O eletrodoméstico impôs à família a necessidade do supérfluo: refrigerantes, sorvetes etc. A economia de mercado, centrada no lucro e não nos direitos da população, nos submete ao consumo de símbolos. O valor simbólico da mercadoria figura acima de sua utilidade. Assim, a fome a que se refere Carlinhos Brown é inelutavelmente insaciável.

É próprio do humano - e nisso também nos diferenciamos dos animais - manipular o alimento que ingere. A refeição exige preparo, criatividade, e a cozinha é laboratório culinário, como a mesa é missa, no sentido litúrgico.

A ingestão de alimentos por um gato ou cachorro é um atavismo desprovido de arte. Entre humanos, comer exige um mínimo de cerimônia: sentar à mesa coberta pela toalha, usar talheres, apresentar os pratos com esmero e, sobretudo, desfrutar da companhia de outros comensais. Trata-se de um ritual que possui rubricas indelévels. Parece-me desumano comer de pé ou sozinho, retirando o alimento diretamente da panela.

Marx já havia se dado conta do peso da geladeira. Nos "Manuscritos econômicos e filosóficos" (1844), ele constata que "o valor que cada um possui aos olhos do outro é o valor de seus respectivos bens. Portanto, em si o homem não tem valor para nós." O capitalismo de tal modo desumaniza que já não somos apenas consumidores, somos também consumidos. As mercadorias que me revestem e os bens simbólicos que me cercam é que determinam meu valor social. Desprovido ou despojado deles, perco o valor, condenado ao mundo ignaro da pobreza e à cultura da exclusão.

Para o povo maori da Nova Zelândia cada coisa, e não apenas as pessoas, têm alma. Em comunidades tradicionais de África também se encontra essa interação matéria-espírito. Ora, se dizem a nós que um aborígine cultua uma árvore ou pedra, um totem ou ave, com certeza fará um olhar de desdém. Mas quantos de nós não cultuamos o próprio carro, um determinado vinho guardado na adega, uma jóia?

Assim como um objeto se associa a seu dono nas comunidades tribais, na sociedade de consumo o mesmo ocorre sob a sofisticada égide da grife. Não se compra um vestido, compra-se um Gaultier; não se adquire um carro, e sim uma Ferrari; não se bebe um vinho, mas um Château Margaux. A roupa pode ser a mais horrorosa possível, porém se traz a assinatura de um famoso estilista a gata borralheira transforma-se em cinderela...

Somos consumidos pelas mercadorias na medida em que essa cultura neoliberal nos faz acreditar que delas emana uma energia que nos cobre como uma bendita unção, a de que pertencemos ao mundo dos eleitos, dos ricos, do poder. Pois a avassaladora indústria do consumismo imprime aos objetos uma aura, um espírito, que nos transfigura quando neles tocamos. E se somos privados desse privilégio, o sentimento de exclusão causa frustração, depressão, infelicidade.

Não importa que a pessoa seja imbecil. Revestida de objetos cobiçados, é alçada ao altar dos incensados pela inveja alheia. Ela se torna também objeto, confundida com seus apetrechos

e tudo mais que carrega nela mas não é ela: bens, cifrões, cargos etc.

Comércio deriva de "com mercê", com troca. Hoje as relações de consumo são desprovidas de troca, impessoais, não mais mediatizadas pelas pessoas. Outrora, a quitanda, o boteco, a mercearia, criavam vínculos entre o vendedor e o comprador, e também constituíam o espaço das relações de vizinhança, como ainda ocorre na feira.

Agora o supermercado suprime a presença humana. Lá está a gôndola abarrotada de produtos sedutoramente embalados. Ali, a frustração da falta de convívio é compensada pelo consumo supérfluo. "Nada poderia ser maior que a sedução" - diz Jean Baudrillard - "nem mesmo a ordem que a destrói." E a sedução ganha seu supremo canal na compra pela internet. Sem sair da cadeira o consumidor faz chegar à sua casa todos os produtos que deseja.

Vou com frequência a livrarias de shoppings. Ao passar diante das lojas e contemplar os veneráveis objetos de consumo, vendedores se acercam indagando se necessito algo. "Não, obrigado. Estou apenas fazendo um passeio socrático", respondo. Olham-me intrigados. Então explico: Sócrates era um filósofo grego que viveu séculos antes de Cristo. Também gostava de passear pelas ruas comerciais de Atenas. E, assediado por vendedores como vocês, respondia: "Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz". (<<http://www.interfacehs.sp.senac>>)

Talvez, Frei Betto tenha conseguido nessas linhas expressar de uma forma muito inteligente o que vem a ser a Produção Opulenta e a Opulência Planejada, apresentando em suas estrofes as minúcias subjetivas vivida pela cultura da população do século XXI, onde a era do conhecimento e o determinismo econômico andam vinculados, gerando uma crise de valores visível e inquestionável. Desvendar esta relação foi o que eu, também, procurei fazer, de forma minuciosa, nessa dissertação, trazendo o estudo desde o surgimento do trabalho até a percepção dos moradores de Alagoinhas - BA em relação ao lixo.

Lixo, aí reside o grande problema ambiental do século XXI: o que fazer com tanto lixo? O lixo só poderia não existir se deixassem de produzi-lo, pois a questão do lixo está diretamente relacionada ao consumo. E pior que o lixo

doméstico é o lixo tecnológico que, com plena perfeição, entra no sistema capitalista globalizado.

Quando o lixo não recebe tratamento adequado, torna-se um problema sanitário muito sério, transmite várias doenças (como diarreias infecciosas, amebíase, parasitose), serve de abrigo para ratos e insetos, além de contaminar os lençóis freáticos através do *chorume* e de ocupar espaços enormes. Nesta dimensão, a necessidade de estudos aprofundados do que vai ser produzido, onde produzir, estudando os detalhes da reação que este produto/mercadoria venha a causar no espaço, para determinar a validade da sua criação, é uma atitude complexa que não vem acontecendo, pois o que mais conta é a quantidade comercial e não a qualidade, o ter e não o ser, ou seja, o que vale é o que tem valor de mercado.

Em um mundo em que se enfatiza a medição da produção de mercadorias, o importante é o ter e quem tem, tornando difícil vivenciar a idéia de um consumo consciente e planejado. É preciso criar relações de interesse. Vale destacar que para a fabricação de alumínio, material muito utilizado no envasamento de cervejas e refrigerantes, são necessárias 5 (cinco) toneladas de *bauxita* para obter, 1(uma) tonelada do referido material.

Repetir que o mundo está cheio de lixo despertou alguns sinceros indivíduos para uma prática mais saudável com a vida, mas em contrapartida criou também os falsos ambientalistas e o espaço para um novo mercado, o “mercado verde”. A questão ambiental recebe significado e importância especiais, interesses diferentes de outras épocas históricas. No entanto, o *fetichismo* da mercadoria prevaleceu e a natureza passou a ser vista como meio de produção.

Para Milton Santos (1997), atualmente, há uma enorme mudança na relação do homem com a natureza. Santos vê a natureza unificada pela história em benefício de firmas, Estados e classes hegemônicas, não mais a natureza amiga do homem. Um processo que se acelera quando o homem se descobre indivíduo e único a poder mecanizar o planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. “A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno” (SANTOS, 2007, p. 34).

Esse quadro reflete a impossibilidade de efetivar um paradigma cientificamente aceito e socialmente negado – O tempo e o espaço são elementos dialeticamente inseparáveis. Será preciso que o homem atente às imbricações das relações e reproduções sociais, para não cair nas armadilhas do mercado mundial.

Consideramos que o tempo, espaço e matéria estão ligados e só nessa unidade é possível compreender a diversidade social. Contudo, o que vem ocorrendo é a substituição do tempo geológico e do tempo ecossistêmico pelo tempo social, o que acaba provocando a crise no mundo contemporâneo.

Na verdade, o modelo de mercado não atende às necessidades das populações integralmente. Pelo contrário, além das dicotomias de status e papel social, muitas atrocidades já foram feitas em nome do progresso; o que atinge até mesmo o Estado, que agora nem consegue ser mais o árbitro. Vivemos em um Estado nulo; os direitos foram transformados em serviços, e os cidadãos tornaram-se clientes/consumidores.

Para trabalhar a opulência e a obsolescência é preciso discutir a ideologia burguesa, dentro da qual se criou a sociedade industrial, para se compreender a idéia de desenvolvimento que circunda a humanidade. Nesta fase da discussão, é interessante trazer Lacoste (1985), pois até agora ele foi quem melhor sintetizou a divisão do mundo, baseando-se na divisão do trabalho.

O modelo de Lacoste (1985) toma como base o processo de industrialização do Estado-Nação, para categorizá-lo em desenvolvido ou subdesenvolvido, onde o alcance ao desenvolvimento se dá pelo acesso a ciência. Mas será que esta dimensão responde ao significado de progresso na atualidade? Devemos recorrer ao relatório *The Limits to Growth*, com suas controvérsias e conquistas; e até mesmo interpretar a compreensão do Conselho Econômico e Social da ONU - Organização das Nações Unidas, na revisão trienal sobre a situação dos Países Menos Desenvolvidos, feita em 2000, quando definiu os três seguintes critérios:

**Critério de baixa renda**, baseado em uma média estimada para três anos do PIB per capita (menos do que \$900 para ser incluído na lista, e acima de \$ 1.035 para sair dela); **critérios**

**de escassez de recursos humanos**, que envolve um físico ampliado de qualidade de vida; **critérios de vulnerabilidade econômica**, baseado na instabilidade de exportações, na instabilidade da produção agrícola, na importância econômica das atividades não tradicionais, na concentração de mercadorias exportadas, nas desvantagens de ter pequena dimensão econômica (UNCTAD, 2001).

Na verdade, se quisermos compreender a atual problemática mundial, não podemos conhecer apenas como funciona a produção industrial, nem buscar entender domínio tecnológico. O desenvolvimento e o poder estão agora relacionados com o espaço virtual. Não muda muito, porque a natureza continua a ser mercadoria. Só que agora, antes mesmo de se conhecer o produto, de fato, saber do que é feito, para que serve etc., ele já entra em circulação e acaba apropriado por corporações com interesses particulares.

[...] Mas a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo. A meia vida de um produto fordista típico, por exemplo, era de cinco a sete anos, mas a acumulação flexível diminuiu isso em mais da metade em certos setores (como o têxtil e o do vestuário), enquanto em outros - tais como as chamadas indústrias de "Thoughtware" (por exemplo, vídeo games e programas de computador) a meia vida está caindo para menos de dezoito anos. A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo fomento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a modificação de formas culturais (HARVEY, 1996, p.148).

Desde o seu surgimento, o capitalismo vem se remodelando para garantir sua permanência no cenário mundial, sem deixar de trabalhar com a equação produzir-consumir - descartar. No próximo ponto O Trabalho Como Divisor de Águas, destaco a evolução histórica do modo de produção, relacionando-o com as modificações sofridas nas relações de trabalho e avaliando como este caminho conduz à acessibilidade do desenvolvimento; quando será discutida a validade da "corrida"<sup>2</sup> tecnológica, rumo ao chamado progresso.

---

<sup>2</sup> A expressão "corrida", expressão foi aditada devido à busca desenfreada pelo progresso.

## 1.1 O Trabalho como Divisor de Águas

O trabalho é o elemento que acompanha o homem desde épocas primitivas e que define o grau de desenvolvimento da sociedade; hoje, o trabalho se relaciona intrinsecamente com a tecnologia e a ciência, fazendo surgir opulência “positiva”, por um lado, e a “negativa”, por outro. Essa idéia representa o conflito do progresso com a justiça social e, antes do posicionamento de qual lado é o mais certo, ou de buscar a possível viabilização de uma unidade entre eles, necessita-se de maior análise e aprofundamento acerca da estrutura social.

A intenção, aqui, não é estudar o conceito de trabalho, e sim pontuar o momento em que este passa a determinar problemas para a vida em sociedade. Assim, emerge a idéia da ruptura *ontológica* entre a natureza e o homem.

A verdade é que vivemos em um sistema complexo, onde existem várias formas e escalas de grandeza, compreendidas umas dentro das outras, numa relação de interdependência, influenciando-se mutuamente; a isso se chama de meio ambiente. Tal concepção, já foi observada em Diderot (apud KONDER,1981,p.18): “Todos os seres circulam uns nos outros. Tudo é um fluxo perpétuo. O que é um ser? A soma de certo número de tendências. E a vida? A vida é uma sucessão de ações e reações. Nascer, viver e passar é mudar de formas”. Essa concepção revela uma compreensão *holística* de sustentabilidade ecológica, na qual tudo faz parte de uma teia vinculada ao sistema da vida.

No entanto, a cientificidade teimou em separar meio de ambiente, ao conceituar o termo meio ambiente como um conjunto de fatores ou condições que rodeiam organismos, ou seja, tudo que cerca o ser-vivo, que o influencia e que é indispensável à sua sustentação. Essa condição inclui solo, clima, vegetação, recursos hídricos, ar, nutrientes e outros organismos. Nessa compreensão, a natureza se torna recurso para o homem, que deve explorá-la e transformá-la de acordo com seus interesses e necessidades.



Essa idéia sedimentou-se com o advento do trabalho. “Foi com o trabalho que o ser humano” desgrudou “um pouco da natureza e pôde pela primeira vez contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais. Se não fosse o trabalho, não existiria a relação sujeito-objeto” (KONDER, 1981, p.24).

A natureza dita o comportamento aos animais; o homem, no entanto, conquistou certa autonomia diante dela. O trabalho permitiu ao homem dominar algumas das energias da natureza; permitiu-lhe como escreveu o brasileiro José Arthur Giannotti - ter parte da natureza à sua disposição. (KONDER,1981, p.26)

Essa é a lógica cartesiana, mecanicista identificada em O Ponto de Mutação, quando Capra, de forma crítica, analisa Bacon, pela abordagem limitada que para ele, resultou na atual crise de valores.

A natureza na opinião dele tinha que ser “acossada em seus descaminhos”, “obrigada a servir” e “escravizada”. Devia ser “reduzida à obediência”, e o objetivo da ciência era “extrair da natureza”, sob tortura, todos os seus segredos’ (...) como a natureza era comumente vista como fêmea, não deve causar surpresa o fato de ele ter transferido as metáforas usadas no tribunal para os seus escritos científicos [...] (CAPRA, 1982, p.52).

Mesmo com todas as discussões sobre a questão ambiental, continua existindo e sendo aceita essa idéia de superioridade do homem sobre a natureza, respaldada na compreensão da natureza como mulher, que deve ser subjugada, submissa e explorada.

Ainda nesse sentido – natureza subordinada e explorada, Braverman, em Trabalho e Capital Monopolista (1987), argumenta que as formas de vida se mantêm em seu ambiente natural; assim é que todos desempenham atividades com o propósito de apoderar-se de produtos naturais em proveito próprio. Isso revela a idéia do homem como sujeito e da natureza como objeto. Afirma o autor que a natureza humana partilha com as demais a atividade de atuar sobre a natureza, de modo a transformá-la para melhor satisfazer as suas necessidades.

As Ciências Sociais hoje não admitiriam tais paradigmas como verdade; a incoerência existente na década em que a obra de Braverman foi editada

hoje é repensada; porém, a filosofia está impregnada, tanto nas relações sociais quanto políticas e principalmente econômicas, dessa forma de pensar a vida.

Se até um passado recente, as questões ambientais se referiam apenas a eventos naturais, como: terremotos, maremotos, enchentes, vulcanismos, os denominados desastres ecológicos, também conhecidos como catástrofes naturais - fenômenos que eram estudados com o objetivo de desvendar, para dominar. Hoje necessita abarcar temas, como: qualidade de vida, pobreza, desigualdade e desenvolvimento.

A ciência, a tecnologia e suas descobertas geraram situações vistas e tidas como progresso, crescimento e evolução, o que chamo de opulência negativa; levando ao aumento do ritmo de produção, provocando a anulação do tempo geográfico e do tempo histórico e substituindo-os pelo tempo social. Essa dimensão segrega o espaço do tempo e produz cada vez mais mercadorias que duram cada vez menos. Reside aí a problemática da sociedade do descartável, uma questão ambiental a ser solucionada.

[...] mudanças tecnológicas permitiram reduzir os contingentes de trabalhadores necessários em certas etapas do processo de produção – sobretudo na produção de bens (agricultura e indústria), intensificar o trabalho, tornar obsoletas as qualificações dos trabalhadores e mudar as formas de gestão e organização dos processos de produção, distribuição e consumo. Essas mudanças (sobretudo nos transportes e comunicações) libertaram o capital dos constrangimentos do tempo e do espaço, permitindo a desconcentração ou pulverização do processo de produção [...] (BORGES, 2001, p.184).

Borges revela uma releitura do modo de produção capitalista que, ao afastar-se do tempo histórico e geográfico, atingiu a dimensão da imagem, da fantasia, permitindo que o virtual também se torne mercadoria.

Podemos periodizar a evolução tecnológica sócio-histórica em três eras: a Primeira Revolução Industrial, a Segunda Revolução Industrial e a Era da Informação.

No século XVIII, mudam-se os rumos do desenvolvimento, com a substituição do trabalho artesanal pelo trabalho industrial, são transferidos os

centros dos negócios da zona rural para a zona urbana. A substituição do domínio das forças naturais pelos novos processos técnicos exigiu esforço coletivo; as organizações foram crescendo, a divisão de tarefas e especialização acontecendo e, assim, organiza-se uma produtividade mais acelerada.

A partir da década de 50 até a de 90 do século XX, vive-se o período conhecido como o fim da Segunda Revolução Industrial. O que a caracteriza é o uso do ferro, vidro, petróleo. É a época do imperialismo e do colonialismo, levando para outros espaços o paradigma ocidental.

Na Revolução da Informação, o terceiro momento, incentiva-se o desenvolvimento tecnológico que proporcionou as condições básicas para a produção em enorme escala e o surgimento de uma variedade de produtos e serviços realmente inovadores.

Nesse momento, houve a quebra de barreiras de distâncias. Aprofunda-se a globalização, o que importa agora é a agilidade frente às novas mudanças tecnológicas. Estudos revelam que nessa terceira fase, que teve início em 1990, se substitui o capital financeiro pelo capital intelectual; nesse momento o dinheiro é importante, porém, mais importante do que o dinheiro é o conhecimento de saber como usá-lo, aplicá-lo e reinventá-lo.

Surgem equipamentos cada vez menores e mais poderosos. A evolução das tecnologias informacionais permitiu a comunicação em rede e as máquinas otimizaram tarefas segundo determinada programação.

Vive-se uma epidemia, pois muitas pessoas não conseguem se desplugar do computador, celular, internet, Mp 3,4,5.... Muitos profissionais são escravos da tecnologia, mesmo quando estão de férias; trocam o momento de convivência familiar e do lazer pelo que podemos chamar de *tecnoestresse*, o que vem desencadeando efeitos como irritabilidade, frustrações, nervosismos, impaciência, causados pelo uso demasiado ou pelo desconhecimento do uso correto do equipamento.

A conquista hoje não é mais pela industrialização e tecnologia. A própria ONU - Organização das Nações Unidas afirma: "o que define a diferença entre os países é o grau de conhecimento". No século XXI o valor é remodelado, e o conhecimento passa a ser o grande senhor.

Copiar, correr para imitar o modelo padrão não resolve; cria-se, na verdade, a idéia de similar, inferior, genérico. É necessário se perguntar: o que é realmente desenvolvimento?

Imprescindível entender desenvolvimento para avaliar o conceito de desenvolvimento sustentável, pois toda discussão aqui levantada remete a afirmar que o paradigma do desenvolvimento sustentável na verdade não altera a estrutura, não propõe mudanças nos modelos dominantes do modo de produzir e de pensar.

Segundo a CNUMD (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - 1992), o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e o futuro, a fim de atender as necessidades e às aspirações humanas.

Assim, leva-se mais em consideração a produção material, e não a qualidade de vida humana e o tipo de distribuição social, gerando crescimento sem modificação estrutural e originando o desenvolvimento prejudicial, ou mau desenvolvimento. Como afirma Ignacy Sachs (2004, p.71), “o crescimento pode, na mesma forma, estimular o mau desenvolvimento, processo no qual o crescimento do PIB é acompanhado de desigualdades sociais, desemprego e pobreza crescentes”. Como pode ser observado, o conceito de desenvolvimento dos órgãos internacionais é confundido com o de crescimento.

É a ideologia do crescimento ilimitado que incentiva a produção material e define o nível de progresso de um país, classificando-o em desenvolvido, em desenvolvimento ou subdesenvolvido. Contrapondo-se a esta idéia, afirma Celso Furtado (1974, p.26):

O que cria a diferença fundamental e dá origem à linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada a utilização do excedente engendrado pelo incremento de produtividade. A atividade industrial tende a concentrar grande parte do excedente em poucas mãos e a conservá-lo sobre o controle do grupo social diretamente comprometido com o processo produtivo.

A questão realmente é complexa e remete à necessidade da análise profunda do processo da produção e da compreensão do modelo de desenvolvimento científico–tecnológico, que preserva a idéia de que capital tecnológico é riqueza, o que provoca o deslocamento da responsabilidade das instituições produtivas para o indivíduo consumidor. O bem-estar é confundido com o consumo, seja de recursos naturais, manufaturados ou técnicos.

[...] Em geral, responsabilizam-se apenas alguns setores da sociedade. Por exemplo, com relação ao efeito estufa e à poluição atmosférica, considera-se que é o automóvel que polui. A solução para continuar por algum tempo sem resolver o essencial parece ser, deixar o carro em casa uma vez por semana. Mas então, para que se desenvolvem carros sempre novos e mais modernos? Parece que o responsável pela poluição e pelo aumento de temperatura- efeito estufa- é o automóvel em si, ou seu proprietário, e não a produção de mercadorias, o desenvolvimento científico-tecnológico que criou o automóvel (RODRIGUES, 1998, p.31).

A cultura do homem-sujeito/natureza-objeto reflete uma relação simbólica e conflituosa ainda presente no século XXI. No entanto, mesmo algumas das novas explicações e teorias alternativas dão à natureza um sentido mágico de um espetáculo divino; a natureza é quase uma entidade sagrada que o ser humano acaba colocado à margem, e é visto como intrusa, o que também não corresponde ao caminho da sustentabilidade.

As releituras teóricas não podem ser tão radicais ao ponto de colocar somente o homem como o grande inimigo, pois, na verdade, o grande inimigo é o homem através do seu modelo produtivo. Por exemplo, a *Hipótese Gaia* garante vida natural própria ao planeta. Nessa perspectiva, a Terra é plena; biosfera, atmosfera, oceano e solo vivem a *homeostase*. Os indivíduos são excluídos dessa percepção; reforça-se a distância e a fratura homem - natureza, além de se estimular a idéia de que a natureza pode ser dominada para melhor servir aos seus usuários; virar um recurso, uma propriedade.

Milton Santos (1997), ao trabalhar a questão da interdependência homem – natureza, coloca a relação inseparável entre território e sujeito, ou

território e população, demonstrando uma visão da própria dinâmica do cotidiano vivido por estes sujeitos do lugar.

Em 1960, começa a se repensar a relação homem/meio ambiente. A preocupação ambiental passa a existir efetivamente. Surgem os primeiros projetos de lei exigindo proteção ao meio ambiente, saúde e segurança, novas práticas na produção de bens e consumo são iniciadas,

O Brasil acompanhou a proposta mundial ao menos no que diz respeito às leis, e hoje se destaca em legislação ambiental. Por exemplo - a resolução CONAMA -Conselho Nacional de Meio Ambiente nº. 275, de 25 de abril de 2001, estabelece a coleta seletiva como uma norma a ser implantada nos municípios e estados e recomenda às empresas fazer o mesmo. No entanto, mesmo ocupando uma posição de destaque a respeito da legislação essa normatização é praticada de forma frágil.

Como exemplo:

Se o lixo como mercadoria mais generalizada é recente, é ainda mais recente a atuação do Estado (poder local) nesta questão. No passado a iniciativa da reciclagem provinha apenas das próprias empresas. Na verdade estas empresas continuam com as mesmas formas de aquisição do material reciclável, pois afirmam que a coleta seletiva, realizada pela prefeitura, representa ainda muito pouco em relação à produção dos resíduos. (RODRIGUES, 1998, p.169).

Ainda, segundo a Folha de São Paulo:

A reciclagem de latas de alumínio, que começou em 1991 com um lance de marketing da LATASA, transformou-se este ano (1994) num negócio lucrativo para empresa que consegue a redução de 8% a 14% no preço da chapa de alumínio feita com material reutilizado... No ano de 1993 foram reaproveitados 1,06 bilhões de latas, o que corresponde a 17 mil toneladas ou 52,5% da produção nacional. Por isso a empresa resolveu fazer uma fábrica em Pindamonhangaba exclusivamente para reciclagem, próximo à fábrica ALCAN, que fornece chapas de alumínio para a LATASA( <<http://www.1.folha.uol.com.br/fsp>>).

Além de tantas normas, leis, regulamentos e tentativas de solucionar os problemas ambientais, no Brasil, é necessário avaliar melhor esse modelo

econômico produtor de uma realidade social em que 20% dos mais ricos acumulam cerca de 70% da renda do país. Para começar, faz-se necessário agir de forma *holística* e pensar o espaço como um ecossistema interdependente; isto é, que as instituições, não trabalhem separadas na construção de uma proposta de desenvolvimento. Que o ambiente seja o território da totalidade, onde vão ser implantadas todas as ações, um modelo baseado na ecologia cultural, conceito que concebe a vida como uma teia de relações interdependentes e indispensáveis, onde todos os elementos têm o mesmo grau de importância.

O alcance dessa proposta ocorrerá com o entendimento de que os homens produzem e da forma como produzem, para apresentar uma releitura na relação com o trabalho, pois o grau de desenvolvimento dos instrumentos de produção não consegue proporcionar vida plena. Quanto mais se aprimoram os instrumentos de produção maior a submissão da sociedade ao desenvolvimento. Ou seja, o grau de sofisticação dos instrumentos de produção indica o poder de submissão da sociedade, porque o verdadeiro desenvolvimento estaria relacionado a proporcionar a plenitude da vida e não a *estratificação* e a desigualdade.

Na busca pela qualidade de vida, os homens vivem hoje um grande conflito: escolher entre viver de forma simples, em harmonia com a natureza ou viver em meio às vantagens tecnológicas descomprometidas, geradoras de resíduos que vêm poluindo o Planeta.

Para apresentar críticas à forma de vida atual e levantar questionamentos sobre qual seria a melhor condução e inter-relação dos sujeitos sociais no cenário do século XXI, o próximo capítulo se propõe a trabalhar com a dúvida do destino, intitulando-se: A Complexidade e o Porquê da Dúvida.

## Capítulo 2

# A COMPLEXIDADE E O PORQUÊ DA DÚVIDA

*Quando afinal, atingirmos nossa época verificaremos que a cidade urbana chegou a um ponto em que são dois os caminhos. Então, com uma consciência maior do nosso passado e uma visão mais clara das decisões tomadas há muito tempo, decisões que muitas vezes ainda nos controlam, estaremos em condição de enfrentar a decisão imediata que ora se apresenta ao homem e que de um outro modo, acabara por transformá-lo, a saber: se irá dedicar-se ao desenvolvimento de sua mais profunda condição humana ou se irá entregar-se às forças hoje quase automáticas, que ele próprio desencadeou e ceder o lugar ao seu desumanizado alter ego o “homem pós – histórico”. Esta segunda alternativa trará consigo uma progressiva perda do sentido, da emoção, da audácia criadora e, afinal da consciência.*

*Lewis Mumford*



## 2 A COMPLEXIDADE E O PORQUÊ DA DÚVIDA

É indispensável antes de iniciar esse texto esclarecer o significado de complexidade e dúvida; pois esse entendimento claro permite nortear a discussão aqui travada.

Quando falo em complexidade lembro Mariotti, autor que propõe uma outra lógica às perspectivas aprendidas e apresentadas pelo modelo *cartesiano*. Complexidade é muito mais que o conceito do senso comum de dificuldade de emaranhamento.

Morin (1997) considera que o primordial é um pensamento uno, por isso a palavra complexidade, visto que *complexus* quer dizer o que é tecido junto. A complexidade reinventa a relação sujeito–objeto, ensina a pensar de forma transversal. Nesta dimensão, as relações humanas são mais recheadas de sensibilidade e humanidade. O sujeito vive uma autonomia criativa.

O pensamento complexo visa ultrapassar o sistemismo clássico, pois compreende o sistema como algo que é originado de uma dinâmica contraditória entre ordem e caos, comunicação e ruído, onde pesquisador e pesquisado estão envolvidos, o que significa: aquilo que se conhece não se separa do ato de conhecer. Pois objeto e sujeito compõem o sistema auto–eco-organizativo que, na perspectiva proposta por Morin, significa contextualizar, reunir, globalizar. Implica também promover uma ecologia de ação, sentir-se envolvido e envolvendo-se no mundo.

Pensar o ambiente a partir da complexidade é considerar a relação natureza/sociedade como uma conjunção complexa e conflituosa, que resulta do longo processo de socialização da natureza pelo homem, processo este que, transformando a natureza, transforma também a natureza humana, pois estas transformações promovem derivações, visto que um ambiente transformado é um processo de mediações complexas com profundas e significativas marcas na vida das pessoas em relação às suas condições de existência. O ambiente/o mundo é pensado como expressão do movimento em sua ambigüidade ordem–desordem– organização.

Sobre essa relação homem-natureza, Morin (1989) identifica a existência de duas ordens contrárias em convivência no mundo. Uma, a qual chama de ordem

de *invariância* e de repetição dos fenômenos e elementos naturais: rochas, florestas, etc.; e outra, a ordem viva que se refaz diariamente com o passar dos dias, o tempo do acontecer de cada fenômeno.

A convivência entre essas duas dimensões contrárias, a natureza na ordem harmônica da regularidade e permanência perturbada pela desordem e lutas dos movimentos na Terra (inundações ou outros acontecimentos naturais bem como disputas entre espécies vegetais e animais), só ganha sentido na idéia de ecossistema ou eco-organização.

[...] devemos considerar o ambiente, já não unicamente como ordem e imposição (determinismos, condicionamentos, riscos), mas também como organização, a qual, como toda a organização complexa, sofre, comporta/produz desordem e ordem (MORIN, 1989, p.24).

Outro conceito que destaco é o de dúvida. O que vem a ser dúvida? Dúvida aparece aqui na perspectiva de incerteza, hesitação. O que pretendo levantar, neste momento, é: para onde vamos? Onde vamos parar?

Ao relacionar complexidade e dúvida, quero demonstrar o quanto é difícil aceitar que o progresso vem trazendo muitos problemas para a vida contemporânea. Sendo assim, deve-se, pelo menos, antes de agir, ponderar os pontos positivos e os negativos da ação que será desempenhada. Esta atitude é perpassada por juízos de valor, pontos de vista. É neste momento que acredito na ética da complexidade, como por exemplo: sair da competitividade e chegar à competência; usar o linear como meio e não como fim; adotar a contradição como caminho; qualificar ao invés de quantificar. Vivendo estas ações estaríamos adotando uma relação mais totalizante e harmoniosa com a vida e fazendo frente à ordem opulenta.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano (2006), no decorrer dos tempos a conjuntura social continua injusta e insensível, pois crises de várias naturezas continuam surgindo. Dentre essas, encontra-se a crise ambiental percebida nas alterações climáticas, destruição de *habitats*, desflorestamento, extinção de espécies de animais e ecossistemas, poluição e outros.

É contraditório que na era do conhecimento, estejamos vivendo a incerteza de se é melhor o progresso tecnológico, a modernização viciosa, ou fazer a opção por uma vida mais simples. Perante tudo que vem acontecendo

no cenário mundial, em nível macro, a escolha se deu; pelas roupas de marca, pelos enlatados, os descartáveis, pelos brinquedos de último modelo e pelos eletrônicos mais modernos. Resta, no entanto, a tomada de atitude particular, pois uma conscientização coletiva não vai acontecer, a revolução deve partir dos micro-espacos, feita por aqueles que perceberem que o problema contemporâneo é, mais que um problema técnico, é na verdade um problema de espírito, de alma.

A opulência é um projeto para o planeta; o pior é que, mesmo com toda a evolução científica, toda a tecnologia e com tantas descobertas, ainda não se conseguiu e/ou não se quis encontrar soluções para o “lixo” do dito progresso; não foi inventada tecnologia para reduzir o *efeito estufa antrópico*, a *chuva ácida*, o desmatamento, os vários tipos de poluição, o risco da falta d’água, a pobreza, a violência, e outros, pois a solução para estas questões consiste em uma outra lógica e não neste projeto de opulência, que não se propõe a reconstruir a teia da vida.

A própria sociedade contemporânea contribui para o avanço dessa situação. O consumismo desenfreado, a substituição do ser” pelo “ter” levam o indivíduo a perder de vista os valores que são fundamentais para uma vida mais saudável e solidária.

Diariamente nos surpreendemos com tantas atitudes destruidoras do homem em relação à natureza, e isso nos inquieta, pois precisamos rever nossos hábitos, valores e compreender que nada vive isolado na natureza e que, assim como influenciemos o meio, somos influenciados por ele.

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contido (...) Isso quer dizer que a essência do espaço é social. (...) o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual (SANTOS, 1985, p1).

Chega a ser uma ironia que, embora sempre surjam novos teóricos ou teorias buscando resolver a questão ambiental, esta não é devidamente tratada pelas políticas, programas ou projetos públicos.

Quando as políticas públicas abordam a questão ambiental não a relacionam às outras dimensões com as quais ela está fortemente vinculada, como a identidade cultural e a representação simbólica. Isso dificulta a viabilidade das alternativas, e torna as políticas ambientais simples soluções administrativas desvinculando as populações dos seus lugares e tempos no mundo, como antecipava Max Weber (2000, p.131):

Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou seja, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda, se nenhuma dessas duas - a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação. Neste caso, os últimos homens deste desenvolvimento cultural poderiam ser designados como especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado.

Vale destacar que, Max Weber, teórico positivista, com sua análise compreensiva da realidade social, mesmo em outro contexto, já preconizava o que vem acontecendo na atualidade.

A cultura verde, vivida nesta conjuntura, é mais uma construção do progresso econômico que não consegue dar respostas à crise de valores e identidade da relação homem-meio.

A verdade é que só recentemente se verificou que os processos de reflorestamento, embora muito importante para a questão do oxigênio e mesmo dos solos, não repõem a biodiversidade perdida (RODRIGUES, 1998, p.24).

A citação de Rodrigues demonstra que não é tão simples reparar erros humanos, a vida é entrelaçada, exige cuidado complexo, comprometimento no tempo e espaço e verdadeiro conhecimento das atitudes, das suas causas e conseqüências.

O processo de *desnaturalização* e socialização da natureza deixam a dúvida do destino; aqueles que percebem essa dimensão temem o futuro. Parafraseando Boaventura de Souza Santos, está ocorrendo “Uma ruptura *ontológica* entre o homem e a natureza”.

Essa é outra questão a ser compreendida, e que os teóricos chamam de globalização sócio-espacial. Ela remete ao entendimento de que uma interferência localizada provoca uma reação globalizada, pois a natureza não tem fronteiras. De acordo com Rodrigues (1998, p.26), “O espaço a ser considerado para a problemática ambiental é o espaço mundial, pois a circulação atmosférica não tem fronteiras nacionais nem locais”.

Como discuto, neste trabalho, a equação produzir-consumir-descartar, o problema em destaque é o lixo, dando evidência à dúvida de qual seria seu melhor destino, já que o processo produtivo vigente gera uma quantidade infundável de resíduos que acabam sem ter onde ser colocados.

Ao compreender essa relação, fica fácil afirmar que existirá dúvida do destino, não só do lixo, mas do futuro da humanidade, enquanto houver um projeto de planeta pautado no modelo consumista, competitivo e individualista que alimenta a má distribuição de renda e a desigualdade social.

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida divididos em classe em exploradores e explorados; um espaço matéria inerte que seja trabalhada pelo homem, mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado (SANTOS, 1997, 27).

Infelizmente, as criações humanas são feitas pelo padrão destrutivo, pautado na proposta de que o nascimento do novo exige que o velho morra. Essa idéia alimenta a proposta do refugo, do lixo, de que a novidade faz a coisa se tornar obsoleta.

Houve um tempo em que se proclamou o “slogan” do quanto mais, melhor; se acreditava na necessidade de produzir cada vez mais para não faltar. A idéia de Malthus e o medo da escassez eram a base desta ótica que

incentivou o trabalho, o processo produtivo e o projeto materialista de vida. Hoje, já se sabe que isso não faz mais sentido, no entanto, poucos vivem a verdadeira complexidade, concebem a dúvida do destino, ou até mesmo percebem a incoerência social do modelo capitalista.

Com a aceleração do ritmo de inovação do produto, onde serão colocados os objetos mercadorias que se tornarem obsoletos? Qual a garantia de energia e de recursos que ficarão imobilizados em objetos obsoletos? Na utilização de novas e rápidas tecnologias, o que acontecerá com os trabalhadores? Com o papel Estado diminuindo cada vez mais, como se dará a arbitragem dos conflitos na problemática da sustentabilidade? Com a idolatria do mercado importando mais o símbolo do que o produto, como ocorrerá o desenvolvimento sustentável? (RODRIGUES, 1998, p.61).

Para Morin, autor chave da teoria da complexidade, o consumo dos produtos se torna ao mesmo tempo o autoconsumo da vida de cada sujeito. O que ele afirma é que acabamos diante desta realidade doentia, consumindo a própria existência. É a vida do espetáculo estabelecendo uma relação direta com o consumo, o que pode ser observado na citação a seguir:

(...) participamos de um mundo à altura da mão, mas fora do alcance da mão. Assim, o espetáculo moderno é ao mesmo tempo a maior presença e a maior ausência. É insuficiência, passividade, errância televisual e, ao mesmo tempo, participação na multiplicidade do real e do imaginário (MORIN,1997,p.71).

Como será o futuro da humanidade? Como será o amanhã? Caminharemos para mais avanços tecnológicos ou faremos um resgate do artesanal? Ou ainda uma combinação dos dois? Diante da realidade apresentada, a proposta do progresso acelerado amedronta, pois o sistema produtivo nutre-se do meio e devolve a este meio dejetos indigeríveis.

A seguir, destaco o significado do lixo, apresentando a historicidade do seu surgimento, o seu conceito, tipologia, analisando sua relação com os que o produzem.

## 2.1 A Construção da Categoria Lixo

A palavra lixo vem do latim *lix* que significa cinza. Ferreira (2003, p.430) acrescenta que lixo é entulho, coisa imprestável.

Para a Cartilha da *Transpetro* (2001, p.5), tudo que compramos, e que um dia perde a utilidade ou gera sobras e resíduos, chamamos de lixo. Todas essas matérias-primas se originam dos minerais, vegetais e animais.

Para a Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC (1994), lixo é basicamente todo e qualquer resíduo sólido proveniente das atividades humanas ou geradas pela natureza em aglomerações urbanas. No entanto, o conceito mais atual é o de que lixo é aquilo que ninguém quer ou que não tem valor comercial. Neste caso, pouca coisa jogada fora pode ser chamada de lixo.

Antes de o homem ter uma "vida estável", ele vivia como nômade, ou seja, sem habitação fixa e se deslocando constantemente em busca de alimentos e abrigo. Quando se deslocavam, eles deixavam para trás apenas uma pequena quantidade de lixo, na sua maioria sobras de alimentos, que eram absorvidos facilmente pela natureza.

O desgaste que um pequeno agrupamento humano produz no ambiente é desprezível. Por isso, não existia risco ecológico, enquanto as populações humanas eram pequenas e separadas por imensos espaços. [...] quando a terra parecia cansada, eles migravam para outro ponto da floresta e começavam tudo de novo, enquanto a mata invadia a aldeia antiga, cicatrizando a lesão. (FROTA-PESSOA, 2001, p.33)

Com o passar do tempo, surgiu a agricultura e, assim, o homem aprendeu a resolver um dos seus maiores problemas: a fome, que deixava de ser uma ameaça constante. Conseqüentemente veio o crescimento da população, que não parava de aumentar, a produção agrícola, o consumo e, obviamente, a quantidade de lixo.

Quanto mais a população cresce, mais aumenta a destruição da natureza e mais difícil fica sua própria sobrevivência. Por isso, muitos migram para novas terras, onde, para sobreviver, também destroem o ambiente. [...] a explosão populacional é uma das causas da utilização cada vez maior dos recursos naturais, por isso é preciso manter seu controle. Mas, à medida

que o tempo passa, mais crescem a população e a destruição ambiental. (FROTA-PESSOA, 2001, p. 34).

É importante fazer um parêntese no transcurso histórico para elucidar que a assertiva citada pode ser considerada parcialmente verdadeira, pois o problema da má qualidade de vida no Planeta não é gerado pela quantidade de pessoas e sim pela forma como estas estão estratificadas, pela relação entre esse quantitativo de pessoas, recursos disponíveis e o modo de usá-los, ampliada pela má distribuição de renda. Enfim, o que interfere na forma de relação com o sistema da vida na Terra é a cultura (no caso consumista) e o poder aquisitivo das pessoas.

A partir do século V, da nossa era, as primeiras civilizações passaram por problemas urbanos. Porque não dispunham de infra-estrutura, o lixo foi se acumulando oferecendo um ambiente ideal para proliferação de vetores como baratas, ratos, moscas, mosquitos, e manifestações de várias doenças como Doença de Chagas, Cólera, Dengue, Leishmaniose, Leptospirose etc.

No século XVIII, em um processo impulsionado pela Revolução Industrial, que teve origem na Inglaterra em 1750, houve uma mudança entre as pessoas e das pessoas com o meio ambiente. Nesta época, muda a paisagem das cidades, surgem as indústrias, com suas chaminés de tijolos lançando fumaça de carvão, poluindo o ar e, por sua vez, destruindo as matas para poder alimentar as fornalhas das fábricas.

A descoberta do petróleo e a produção de energia elétrica, o surgimento de materiais como vidro, metais, plásticos, entre outros, traz benefícios, pois facilitam a vida mas, por outro lado, geram problemas, quando materiais são jogados no meio ambiente, pois a essa altura a natureza já não consegue mais absorvê-los e nem reintegrá-los a seus ciclos.

Fica evidente que a natureza não produz lixo, pelo contrário, ela sempre reaproveita tudo. Quando Lavoisier diz “que na natureza nada se perde nada se cria, tudo se transforma”, nos faz perceber que até uma folha que cai de uma árvore no chão se decompõe e torna-se alimento para outras plantas. Ao contrário da natureza, nós, humanos, extraímos, criamos, consumimos e depois jogamos fora os restos, as sobras, os resíduos. Não importa a época ou o lugar, as sociedades humanas estabeleceram e estabelecem diversas formas



de organização social e de interação com o ambiente, utilizando os recursos naturais para satisfazer suas necessidades.

A sociedade urbano-industrial transforma radicalmente o ambiente, substitui a paisagem natural por ruas, prédios e outras invenções humanas, gasta demasiadamente a água, energia e matérias-primas, produz mais esgotos e gera muito mais lixo.

Por essa idéia, a ação humana sobre a natureza tem sido tão intensa que, atualmente, quase não existem paisagens naturais puras, ou seja, que não tenham sofrido a interferência humana. À medida que as necessidades e os conhecimentos de cada sociedade mudam, paisagens diferentes são construídas e transformadas, causando sérios danos ao meio ambiente.

A responsabilidade pelo que acontece ao nosso redor é de todos. O simples ato de jogar um papel no chão já contribui para poluir o planeta. Um dos grandes desafios deste século é, sem dúvida, buscar o equilíbrio entre o desenvolvimento tecnológico e a preservação do meio ambiente, pois o lixo é um elemento de ordem próxima, ou seja, todos os cidadãos das diferentes classes sociais convivem com ele, ao relacionarem-se com as sobras do seu consumo, mesmo que a quantidade seja diferente e a qualidade específica.

A conjuntura atual, dita desenvolvida, apresenta alguns aspectos contraditórios, como tornar processos simples mais complexos e demorados. Exemplo disto é embalar o lixo em sacos plásticos, uma prática que simboliza cuidado e limpeza, mas, ao mesmo tempo, faz crescer o período de decomposição dos resíduos, aumentando o seu volume. Um outro exemplo, que demonstra, ao mesmo tempo, elevado estrato social e problemas sanitários, é a proximidade dos banheiros com as pessoas. Ainda outro exemplo de progresso que atrapalha é o hábito de não consertar pequenos defeitos, principalmente nos eletro-eletrônicos, pois o valor do conserto (quando existe a peça para reparo) é tão oneroso que leva o sujeito a optar por comprar uma nova mercadoria. Em uma sociedade de consumo e descarte, chega-se a um momento em não é possível afastar-se do lixo.

Por esse motivo, acredito que esse estudo possibilite e estabeleça ligações analíticas e conclusivas para um trabalho que produza um “conhecimento prudente para uma vida decente” (BOAVENTURA DE SOUZA,

2004), pois, tendo ou não o mesmo significado, o lixo é de conhecimento de todos.

Algumas civilizações antigas já consideravam o lixo como algo que contaminava, que era sujo e que, por esse motivo, deveria ser colocado em lugar longe dos olhos. Roma é um exemplo:

[...] no traçado das construções romanas, sabe-se, por exemplo, que o arquiteto Vitrúvio, sugeria e recomendava que as ruas pequenas fossem implantadas no sentido de conter os ventos frios e os infecciosos ventos quentes, por acreditar que por ter vindo dos trópicos, ele vinha contaminado. Essa preocupação parece ter contribuído para a construção do que é considerado o mais antigo e possante monumento da engenharia sanitária na antiguidade, a cloaca máxima, a imensa fossa construída no século VI a.C. (MUNFORD, apud GUERREIRO, 1999, p. 16).

A preocupação com a saúde, a higiene e o esgotamento sanitário na Idade Medieval são conteúdos difíceis de generalizar, devido à variedade entre as cidades; mas se pode, com certeza, afirmar que as pequenas cidades medievais gozavam de condições de saúde e higiene mais sadias do que muitas das cidades modernas. A citação de Mumford é pertinente e esclarecedora:

Acentuo a persistência do caráter rural da cidade medieval por causa da falsa imagem contrária que por muito tempo se impôs como uma idéia fixa (...) As pessoas ainda confundem a decadência cumulativa que preencheu os espaços verdes com a estrutura original que não era aberta e sólida. Enquanto estes espaços abertos permaneceram, os rudes dispositivos sanitários da pequena cidade medieval não foram necessariamente tão ofensivos quanto eram pintados. Queixas como as feitas pelos frades Predicantes, em Beziers, em 1345, por causa dos maus odores saídos de um curtume, dificilmente teriam sido feitas se os maus odores fossem constantes e universais [...] (MUMFORD, 1998, p. 316)

E, ainda, segundo Guerreiro (1999, p.17):

O que se deve notar, quando se tem de julgar a cidade medieval, é que a salubridade rude não é necessariamente má salubridade, pois numa casa de fazenda medieval, onde as pilhas comuns de esterco eram a única privada doméstica, não constituía uma ameaça tão grande à saúde de seus habitantes quanto a progressista cidade anterior a Pasteur, do século XIX, abençoada com requintadas privadas em toda moradia de classe média e amaldiçoada por um suprimento de água potável tirada do mesmo rio, no qual o esgoto da cidade era esvaziado.

As transformações econômicas, o crescimento dos mercados, a ampliação dos negócios, modificações aparecidas entre os séculos XV e XVII, se ampliam após o século XVIII, pois a industrialização, a partir dessa época, vai dar o tom nas relações humanas e ecológicas; à imensa produtividade da máquina corresponde às montanhas de detrito. O industrialismo principal força criadora e transformadora ao mesmo tempo em que diversifica e acelera a produção, favorece o aumento do consumo e promove a degradação do meio ambiente.

No final do século XX, por se reforçar as preocupações ambientais, as empresas percebem as possibilidades da questão como algo que agrega valor à marca, um novo filão econômico. Na verdade, trabalhar essa gestão pode representar uma vantagem competitiva, um diferencial que garante o mercado pelo enquadramento da certificação de qualidade (ISO 14000). Empresas como Natura, Boticário vendem a indústria do ambientalmente correto.

Diretamente relacionado ao tema deste trabalho, temos um exemplo de marketing sobre o consumismo (vide anexo B) que revela a preocupação que as empresas vêm tendo em demarcar no mercado imagens de responsabilidade ambiental para, assim ganhá-lo.

Em uma conjuntura em que os valores e padrões sociais se pautam em individualismo e em imediatismo, não existe preocupação com as conseqüências; isso porque a noção de tempo (privado de sentido) oculta a natureza e a produção social do espaço.

Segundo Rodrigues (1998, p.30): “Os vários processos que produzem alterações substanciais na natureza têm permanecido obscurecidos sob o mando da modernidade e da contínua produção de mercadorias”. Está aí o ciclo produzir-consumir-descartar.

Na sociedade do descartável, enfrenta-se um grande dilema. O que fazer com tanto lixo? Que destino deve ser dado aos resíduos? A ausência de espaço para armazená-los foi o motivo para novas idéias como, por exemplo, a reciclagem.

É neste momento que o lixo adquire *status* de mercadoria, ou seja, valor de troca; assim ele deixa de ser apenas fator de degradação e passa a ser também fator econômico/fator de produção. É preciso compreender a produção espacial para entender as características do lixo, pois elas estão estreitamente relacionadas com o uso do solo (a depender da classe social, do bairro, gera-se um tipo diferente de resíduo).

A ação responsável sobre o consumo só poderá ocorrer quando se conseguir assumir a dimensão do universo como uma rede integrada de relações dinâmicas, o que não é tão fácil assim, pois exige compreender o espaço, a matéria e o tempo. Vivemos em um mundo onde a má distribuição de renda não permite iguais condições de estudo e onde a educação é pautada em um modelo *cartesiano* e reprodutivista. As análises críticas e concepções holísticas, desse modo, ficam restritas a uma minoria.

No momento, tenta-se de todas as formas não visualizar o lixo como problema, mas, numa sociedade onde a produção e o consumo são tão valorados, os resíduos sempre serão motivo para preocupação. O tempo e a tecnologia não trouxeram soluções para o lixo; adotam-se mecanismos como a exportação de resíduos para países mais pobres ou territórios segregados. (Foi publicamente divulgado que os Apaches da região central do Novo México assinaram um contrato para ceder por 40 anos 0,13% da sua reserva para depósito de lixo atômico, em troca de US\$ 250 bilhões). Segundo Rodrigues:

Na década de 70, os bens de consumo duráveis eram produzidos para durar de sete a oito anos (por isso duráveis). (Hoje os mesmos produtos são idealizados para durar oito a dez meses embora continuem a ser denominados duráveis). Trata-se do predomínio do descartável e da veloz mudança de moeda. (RODRIGUES, 1998, p.152 – 153)

Isso não é por acaso. O consumo é questão vital no mundo globalizado de economia neoliberal. Desse modo, o homem necessita criar, recriar, produzir e superar até mesmo os limites dos recursos não renováveis, o que,

ao invés de atenuar, avoluma as mazelas sociais, pois acarreta conseqüências que, na verdade, são “novos” problemas.

O lixo, por exemplo, é hoje uma grande preocupação que o mundo enfrenta, devido à forma desorganizada e predatória como o homem se apropria da natureza.

Re-significar a palavra lixo, faz surgir conceitos como reciclagem e reaproveitamento; estes, por sua vez, produzem um valor de troca, que traz um lado positivo e outro negativo, pois o meio ambiente acaba como o grande mercado do século XXI. Desse modo, o resíduo adquire valor econômico, passa a ter preço definido pelo comprador – lado positivo na perspectiva de geração de renda e trabalho para as populações mais à margem do mercado de trabalho, porém negativo, devido ao apelo de “solidariedade ecológica”, no qual o fornecedor do produto deve acreditar na idéia da boa ação, de ver-se como alguém que contribui para o processo coletivo de preservação do meio-ambiente, transferindo responsabilidades do público para o privado, descaracterizando intencionalmente a necessidade de políticas sociais que dêem conta da complexidade da questão produzir-consumir-descartar.

A questão necessita de ações que perpassem tanto pela eficiência econômica e prudência ecológica quanto pela justiça social; ou seja, passe pelo tripé que Ignacy Sachs (2004) apresenta como garantia de sustentabilidade e de uma prática socialmente justa, ambientalmente correta e economicamente viável, mas que, para acontecer, de fato, exige interferências na estrutura social para criação e implantação do verdadeiro ecodesenvolvimento.

Na verdade, este quadro, hoje, é um problema da biosfera, que o desenvolvimento arrisca regular para condicionar a sobrevivência. Um problema tanto rural quanto urbano que, em nosso país, agrava-se nas cidades, porque crescem sem planejamento, concentram 83% da população (IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2004) e refletem maior desigualdade econômica. O que ocorre é a urbanização sem urbanidade. Quem consome? Como consome? O que desperdiça? Essas questões apresentam respostas divergentes, devido às desigualdades sociais e culturais do povo brasileiro.

As diferentes ações produzidas pelo ser humano geram lixo. Baseando-se nos conceitos atribuídos pela Cartilha da *Transpetro* (2001), podemos classificar os tipos de lixo de acordo com o local de produção e suas características básicas e origens.

O lixo residencial, também conhecido como lixo domiciliar, é formado basicamente de restos de alimentos, jornais, garrafas “pet”, embalagens, papéis higiênicos e outros que fazem parte da rotina cotidiana. O lixo comercial, em geral, contém uma quantidade maior de embalagens, papéis, resíduos de asseio, etc.; são provenientes de estabelecimentos comerciais como lojas, bares, supermercados, etc. Diferente do lixo comercial e residencial, o lixo público é originado da limpeza das ruas, das praças e varrição das vias públicas. Inclui-se aí também o lixo verde ou poda, que são restos de corte de plantas e árvores das propriedades, quintais e jardins. O lixo de serviços de saúde ou hospitalar é produzido por clínicas, postos, hospitais e outras unidades que trabalham com saúde humana e também animais. Este tipo de lixo contém materiais furocortantes, como agulhas, lâminas, bisturis, etc, e materiais contaminados, tendo que ser tratado de maneira muito especial, tanto na fonte geradora como no serviço de limpeza urbana.

Segundo Grippi (2001, p.21), existe também o lixo especial que é proveniente dos portos, aeroportos, terminais rodoviários ou ferroviários. Constituído de resíduos sépticos, pode conter agentes patogênicos oriundos de um quadro de endemia de outro lugar, cidade, estado ou país. Estes resíduos são formados por material de higiene e asseio pessoal, restos de alimentação, dentre outros.

O lixo industrial, dependendo do tipo da indústria pode até conter resíduos que exigem administração, coleta e destino específico. O entulho são sobras de materiais de construção e devem ser coletados em separado do lixo domiciliar.

O lixo agrícola é considerado um lixo muito perigoso, pois oferece risco de contaminação. Esse tipo de lixo vem causando grande preocupação em determinadas regiões do mundo, porque se trabalha todo o tempo com embalagens de agroquímicos diversos, que em geral são tóxicos, prejudicando a saúde dos trabalhadores.

Existem também os lixos perigosos que segundo o Dicionário de Ecologia e Ciências Ambientais (2001, p. 325-326), são constituídos por qualquer subproduto ou refugo prejudicial aos homens ou ao ambiente, quando manipulado de maneira imprópria. Os lixos perigosos são, com freqüência, produtos de processos industriais, como a produção de energia nuclear ou a síntese química, mas os fertilizantes comuns podem também ser lixos perigosos, porque poluem os *mananciais* de água com *nitratos*.

No conjunto destes lixos perigosos, encontramos o lixo radioativo que é subdividido *em* lixo radioativo de alto nível, radioativo de baixo nível e lixos de nível intermediário. O lixo radioativo é material de refugo suficientemente radioativo para causar preocupação. O lixo radioativo de alto nível é o lixo de reatores nucleares e instalações similares que contém altos níveis de radioatividade. Os lixos radioativos de alto nível são, especificamente, varetas de combustível desgastadas ou lixos de varetas de combustível gastas reprocessadas. Requerem resfriamento constante para remover o calor de sua desintegração radioativa e apresentam problemas de armazenamento desafiadores. Lixo radioativo de baixo nível é o combustível nuclear usado ou seu subproduto (escórias de usinas). Esse tipo de lixo tende a conter radioatividade de baixa intensidade ou com meia-vida curta. Os lixos de nível intermediário são resíduos de reatores nucleares cuja radioatividade é demasiado alta para ser considerada de baixo nível, mas que não é tão perigosa quanto os lixos de alto nível.

Sabe-se que o custo com relação a essa situação é elevado para uma cidade, pois exige a instalação de rede de coleta, construção de estação de tratamento e a utilização de produtos químicos para depuração.

Diante deste quadro, sabemos que encontramos o lixo muitas vezes em vazadouros (lugar onde se despejam detritos ou se vaza qualquer líquido), ou a céu aberto, aliado muitas vezes a uma má estrutura de saneamento básico, compondo um cenário sujo, infeccioso e com possibilidades de proliferação de doenças.

Quando se torna possível a construção de uma adequada rede de esgoto e estação de tratamento, ocorre uma melhoria da condição sanitária, da saúde e da qualidade ambiental.

No momento em que o lixo for valorizado e gerenciado de maneira adequada pelas políticas públicas municipais, e visto como uma atividade econômica a ser encarada como uma solução ambiental, haverá a redução do volume, e proporcionará uma fonte de renda para o próprio município, ajudando a uma melhoria na qualidade de vida.

Para visualizar concretamente a relação dos sujeitos sociais com o lixo, trabalhei com estudo de caso, o que possibilitou a práxis social ao investigar de que forma a percepção/o significado do lixo interfere no descarte dos moradores, na zona urbana, do município de Alagoinhas – Ba.

No próximo capítulo apresento a metodologia da pesquisa e a análise dos dados coletados, proporcionando um recorte real que favorece a análise e qualifica a discussão da relação produzir-consumir-descartar.



## Capítulo 3

### O CAMINHO DA ARTE DA PESQUISA

*Refletir quer dizer, ao mesmo tempo: a) pensar, repensar, deixar, descansar, imaginar sobre vários aspectos o problema, a idéia; b) olhar o seu próprio olhar olhando, refletir-se a si mesmo na reflexão. É preciso alimentar o conhecimento com a reflexão; é preciso alimentar a reflexão com o conhecimento.*

*Edgar Morin*

### 3 O CAMINHO DA ARTE DA PESQUISA

A questão ambiental atinge diversas dimensões. Exige, assim, tratamento interdisciplinar e multireferencial de *paradigmas*. O pensamento complexo gera a integração de todos os modos de pensar, ao rejeitar as conclusões fragmentárias, mutiladoras e unidimensionais. Não sendo linear, permite inter-relacionar fenômenos ou circunstâncias interligadas e interdependentes.

Com efeito, encontrei na complexidade adequação para a análise realizada no estudo Oportunidade Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo, isto porque este *paradigma* supõe a mediação entre o eu e a coisa, propõe que todas as relações sociais sejam reais, da mais simples à mais complexa, quando compreendidas pela consciência, pois existe uma intencionalidade investida sobre os objetos.

Aceitar a complexidade é aceitar o processo de reconstrução de identidades resultantes da *hibridação* entre o material e o simbólico, pois ela surge como uma nova cultura na qual se elaboram novas visões e novas estratégias de produção para um futuro eqüitativo e democrático.

Para Morin (1997), o pensamento complexo implica relacionar e ter uma estratégia em relação ao incerto, adotar uma racionalidade aberta, ou seja, falar de incerteza e caos como “forças violentas” que contêm em si a ordem e a desordem. O pensamento complexo implica, também, reconhecer a dialética, a contradição, as oposições que fazem produzir pensamentos e ações.

Além do aporte do pensamento complexo, para dar conta da realidade aqui estudada, foi necessária a conjunção de métodos que proporcionassem o alcance dos objetivos propostos na pesquisa.

A investigação ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2007, no município de Alagoinhas–Bahia, mais especificamente na sua zona urbana, recorte feito por entender que o urbano é o espaço onde ocorre a maior representatividade da produção opulenta, aproximando-se do significado atribuído ao lixo por essa população.

Sendo assim, fiz a opção pela teoria da complexidade, tendo a abordagem *dialética* como base para compreender afirmações de que as alterações setoriais qualitativas alcançam pontos críticos que influenciam as transformações quantitativas da totalidade, lei da *dialética* – a modificação de

um todo é mais complicada do que a modificação de cada um dos elementos que o integram.

A abordagem *dialética* levanta argumentos compatíveis pautados na idéia de que a essência das coisas reside na consciência, ou seja, nos fenômenos vividos e nas noções de intencionalidade e fundamenta-se na compreensão de que é por meio de conflito que tudo se altera - contradição inerente ao fenômeno, acrescida do procedimento comparativo que consiste em verificar e explicar similitudes e diferenças nos fenômenos estudados, o que permitiu analisar questões como, por exemplo: O que é lixo para você? (vide anexo A, entrevista aplicada).

Pesquisou-se, neste trabalho, se o significado do lixo gerado pelos entrevistados interfere na forma do descarte. O caminho foi identificar, de forma gradual, as contradições concretas e as mediações específicas que constituem as partes de cada totalidade, isso porque a modificação do todo só se realiza após um acúmulo de mudanças nas partes que o compõem.

O trabalho foi de decomposição e recomposição do conhecimento, partindo do mais complexo ao mais simples e retornando ao mais complexo, para determinar a expressão da população, ou seja, o seu significado de lixo. Para Minayo, “Quando se trata de aprender sistemas de valor, de normas, de representações de determinado grupo social ou quando se trata de compreender relações, o questionário se revela insuficiente”. (1992, p.121)

Então, para o levantamento dos significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados, utilizei a técnica de entrevista semi-estruturada, na qual o entrevistador tem liberdade para desenvolver as perguntas e pode explorar mais amplamente uma questão. As perguntas, neste tipo de instrumento, são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação. A escolha se deu por ser a entrevista uma estratégia que permite a compreensão bem apurada das fontes, valores, experiências, atitudes e sentimentos. A entrevista revela a representatividade da fala, observando e analisando as implicações sócio-político-culturais e ideológicas da prática social. Conforme Minayo (1992, p.108):

(...) A entrevista como fonte de informação fornece dados secundários e primários, referentes segundo Johodo, a fatos; idéias, crenças, maneiras de atuar, conduta ou comportamento presente ou futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, ou comportamento.

Afirma, ainda, a autora:

(...) ao mesmo tempo em que os modelos culturais interiorizados são revelados numa entrevista, eles refletem o caráter histórico e específico das relações sociais, desta forma os depoimentos têm que ser colocados num contexto de classe, mas também de pertinência a uma geração, a um sexo, a filiações diferenciadas etc. (...) (MINAYO, 1992, p.121).

Amparada por esta compreensão, entrevistei os residentes da zona urbana, a partir de uma amostra aleatória simples, que significa uma escolha aleatória dos participantes (destaca-se que a pesquisa foi aplicada por domicílio); trabalha-se com três realidades sócio-econômicas diferenciadas. Os bairros foram escolhidos segundo a caracterização do Imposto Predial e Territorial Urbano (nobre, considerado tipo A; médio, considerado tipo B; e periférico, considerado tipo C): Parque Floresta (A), Inocoop (B), Barreiro (C), selecionados na busca de uma amostra significativa que permitisse também identificar se o “morar” interfere no descarte.

Os bairros foram estudados de forma contrastiva, para identificar à condição de moradia a partir de análise detalhada da infra-estrutura dos mesmos. Verifiquei, pela observação direta em visitas de reconhecimento das condições da área, a iluminação, pavimentação, saneamento básico, condição dos imóveis pertencentes ao bairro e acessibilidade. Também na pesquisa de campo, foram feitas observações de espaços que diretamente interferem na intenção da pesquisa (aterro sanitário de Alagoinhas, Cooperativa de catadores, pontos de lixo da cidade).

A questão ambiental aqui estudada é uma proposta que exige um grande espectro metodológico, a fim de entender sua amplitude. É importante apresentar os critérios de análise sobre o mundo vivido, que foram: observação das condições da área; reconhecimento da realidade local, análise da

intencionalidade das respostas; experiência de vida e reconhecimento da temática no momento de entrevistar os pesquisados.

Os dados, analisados qualitativamente, foram ancorados na teoria da complexidade apoiados no método de abordagem *dialética* e do procedimento comparativo, tendo em vista que teoria e prática se completam, constituindo uma práxis:

[...] a teoria é necessária e nos ajuda, mas por si só não fornece os critérios suficientes para estarmos seguros de agir com acerto. Nenhuma teoria pode ser tão boa a ponto de nos evitar erros. A gente depende em última análise da prática social para verificar o maior ou menor acerto do nosso trabalho com os conceitos e as totalizações. (KONDER, 1981, p.44)

Sabendo que a amostra qualitativa privilegia os sujeitos sociais, os dados quantitativos foram trabalhados, na tentativa de uma representação visual da problemática estudada. Sem muito destaque numérico, pois foi predominante o enfoque qualitativo, a partir da análise minuciosa, das respostas dadas pelos dez moradores de cada bairro, totalizado uma amostra de 30 moradores.

(...) numa busca qualitativa, preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização de uma instituição (...) seu critério portanto não é numérico. Podemos considerar que uma amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões. (MINAYO, 1992, p.102)

A investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos. Trabalhar com a pesquisa qualitativa é trabalhar com a percepção do vivido, com significados das motivações, atitudes e valores.

Vale destacar que subsidia a pesquisa, ainda, o levantamento de dados secundários de fontes como IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, SEPLANTEC-Secretaria de Planejamento Tecnologia e Ciência e a

própria prefeitura do município pesquisado, que muito contribuíram para o reconhecimento da realidade local, e conseqüentemente, para a estruturação dos critérios de análise, argumentações e constatações.

A escolha do objeto da pesquisa não emerge de repente, surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas pelo real empírico, encontrando suas razões e objetivos.

O questionamento- De que Forma a Percepção/o Significado de Lixo Interfere no Descarte dos Moradores na Zona Urbana do Município de Alagoinhas - Ba? -Ultrapassa a esfera da crítica ao conhecimento de lixo e incide sobre a crítica ao modo de produzir e consumir da atual etapa do capitalismo na sua fase técnico-científica informacional (como denominou o professor Milton Santos), período que se caracteriza pelo advento de novas tecnologias, impulsionadas pela ciência, demandadas dos grandes centros e/ou corporações, que impõem à sociedade novas formas de produção e consumo. Capitalismo no qual a *tecnociência* se constitui na principal força produtiva, e seus produtos impulsionam mudanças radicais não somente nas concepções de tempo - a longa duração - e espaço que deram suporte à modernidade, como também exigem e provocam mudanças significativas no cotidiano dos seres humanos.

Para evidenciar a idéia de produção-consumo-descarte e facilitar a compreensão da pesquisa: A Oportunidade Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo, onde se investiga se a percepção/significado de Lixo Interfere no Descarte dos Moradores na Zona Urbana do Município de Alagoinhas – Ba, através do estudo da relação destes moradores com o seu resíduo; apresento, antes de iniciar o próximo tópico, uma ilustração do que vêm a ser Produção Opulenta e Obsolescência Planejada. Termos anteriormente discutidos na dissertação; para relembrar os conceitos e facilitar a relação dos mesmos com pesquisa de campo.



Obsolescência dos aparelhos elétrico – eletrônicos.

No próximo item, A Percepção dos Moradores de Alagoinhas-BA sobre Produção– Consumo– Descarte mostro, de forma contrastiva, três realidades vividas pelos moradores de Alagoinhas (habitantes de bairro de alto, médio e baixo padrão), e discuto como as diferentes concepções de lixo e situações de vida interferem na forma de como se joga o resíduo fora.

### **3.1 A percepção dos moradores de Alagoinhas–BA sobre produção, consumo e descarte**

Compreender o ambiente enquanto espaço de pertencimento, numa perspectiva de não ser apenas o lugar onde estou, mas do qual faço parte e no qual também sou este ambiente, faz uma grande diferença no momento de teorizar, pesquisar e estudar as questões ambientais. O trabalho *A Opulência Planejada* e a *Dúvida do Destino do Lixo* é uma pesquisa *dialética* que destaca a análise qualitativa a partir da complexidade dos fenômenos sociais estudados e os relaciona com categorias preexistentes, que ajudam a compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais do município estudado.

Para isso, é importante trabalhar o conceito de percepção. No Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2004), percepção é uma palavra originada do vocábulo latino *perceptione*, substantivo feminino que significa ato, efeito ou faculdade de perceber. Percepção é, assim, o ato de perceber, a ação de formar representações sobre objetos externos a partir de dados sensoriais. Por esse entendimento, a sensação é uma impressão subjetiva e interior originária dos sentidos e causada por algum objeto que os excita ou estimula, sendo a matéria-prima da percepção. Os *empiristas* consideram a percepção como a fonte de todo o conhecimento. Diversos filósofos se preocuparam em discutir a importância da percepção.

David Hume (1711-1776) nega a existência do eu individual, pois o homem seria apenas uma coleção de percepções. Esse filósofo dividiu as percepções humanas em dois grupos distintos -impressões e idéias, sendo que a diferença entre uma e outra consiste nos graus de força e vivacidade, segundo os quais atingem a mente chegando até o pensamento e a consciência.

As percepções que penetram com mais força na mente são as impressões, já que formam as nossas sensações, paixões e emoções. Para Hume (Apud. JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, p. 210) “as idéias eram imagens pálidas dessas no pensamento e no raciocínio”. Com base nessa compreensão, o conhecimento é tanto mais correto quanto mais próximo se encontra da percepção que o gerou.



Os *racionalistas*, criticando essa noção, dizem não ser a percepção confiável, visto depender de elementos sensíveis, estando, assim, sujeitas à ilusão, quando uma imagem percebida não corresponde a um objeto real.

Japiassú e Marcondes (1996) chamavam a atenção que, embora se possa considerar, em última análise, o objeto como causa da percepção, para o fenomenalismo (doutrina que defende a idéia de que o homem não pode conhecer as coisas em si, somente os fenômenos objeto de nossa experiência, ou seja, aquilo que aparece nos quadros que lhe conferem as formas à priori da sensibilidade e as leis do entendimento), na verdade, nada sabemos sobre o objeto além dos dados sensoriais que recebemos da percepção.

George Berckleey (1685-1753) é outro filósofo que discute sobre percepção. Muito jovem, descobre o seu grande princípio, o imaterialismo (concepção que nega a existência do mundo material, quando considerado independentemente da nossa percepção). Nesse sentido, defende que ser é ser percebido, e somente a idéia é real. Assim, tudo é idéia, até mesmo a matéria física, pois somente as mentes e as idéias que elas criam seriam reais. Faz distinção entre percepção direta e percepção indireta; a primeira seria a informação sensorial das coisas, enquanto a percepção indireta seria a sua interpretação pela mente.

Ressaltando a importância das idéias e das percepções, considera que os indivíduos existem em realidades e relações subjetivas com a linguagem, sendo esta a única coisa que pode ligar as realidades isoladas. Por esse motivo, as experiências sensoriais e a comunicação pela linguagem são o único meio pelo qual podemos conhecer as coisas.

Atualmente, podemos considerar a retomada da importância do papel da percepção na análise dos processos históricos e sociais, a partir da preocupação com o imaginário. Imaginário/percepção significa o conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou de um grupo social.

Essas imagens/percepções são construídas na memória coletiva, conforme a forma como a pessoa individualmente ou em grupo compreende o cotidiano que lhe rodeia, ou seja, de acordo com a noção de representação, que diz respeito à forma pela qual um indivíduo ou grupo percebe determinado objeto,

imagem ou elemento da sua cultura e/ou sociedade. Por isso, busco balizar o imaginário das representações da sociedade estudada sobre a relação produzir-consumir-descartar, analisando de que forma a percepção/o significado de lixo interfere no descarte dos moradores na zona urbana do município de Alagoinhas – Ba.

Nesse sentido, representação/percepção é a forma como um indivíduo ou um grupo social vê e explica um elemento da sua sociedade, como cria seu próprio mundo, definindo o que é real e o que não é. A forma como é decodificada uma representação, como ela é aceita, é mutável, e não só depende da posição na estrutura social, como também da educação, de hábitos e costumes que podem ser transformados, quando necessário. Daí a importância que tem um trabalho sobre a relação do lixo com a sociedade.

A representação/percepção do mundo social é forjada pelos interesses do grupo que a elaborou, por isso é necessário que as observações e inferências sobre representações, percepções e imaginário sejam realizadas atentando-se para a posição social de quem as concebeu; e isso foi feito na pesquisa A Oportunidade Planejada e Dúvida do Destino do Lixo.

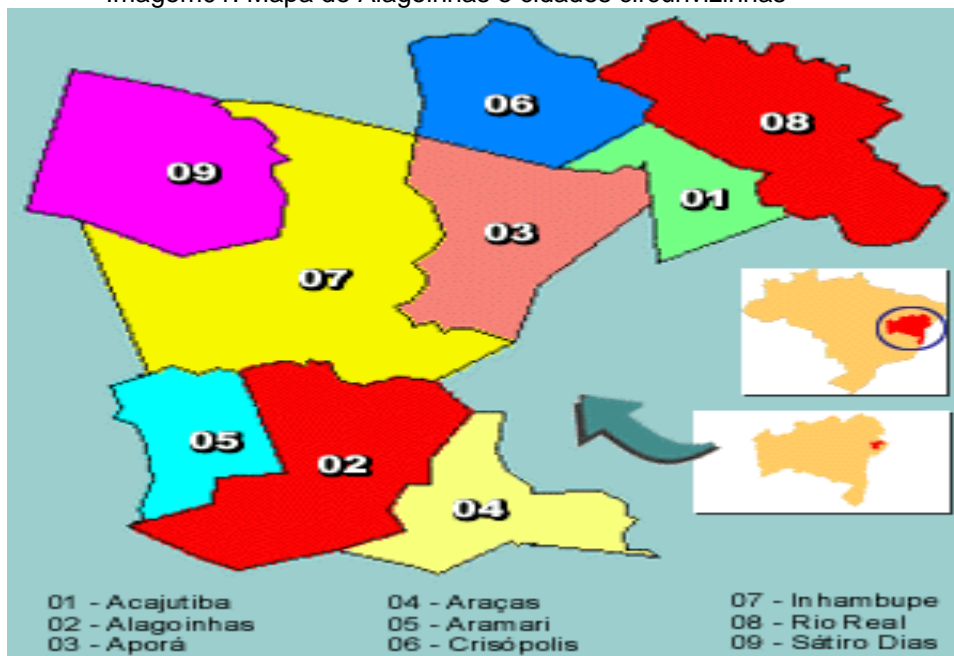
Vale destacar que, o distrito de Alagoinhas foi criado em 15 de outubro de 1816, pertencendo a Inhambupe até 16 de junho de 1852, quando se tornou sede municipal. A emancipação política de Alagoinhas foi oficializada há 155 anos, no dia 2 de julho de 1853, com a posse da primeira Câmara Municipal e do presidente do Conselho, Coronel José Joaquim Leal.

Alagoinhas já recebeu o nome de Freguesia de Água Fria, Freguesia de Santo Antônio das Lagoinhas e, posteriormente, Vila de Santo Antônio D'Alagoinhas, então desmembrada da Vila de Inhambupe, quando adquiriu a qualidade de município.

O nome Alagoinhas originou-se dos rios (Sauípe, Catu, Subaúma, Quiricó), lagoas e córregos existentes na região. Uma de suas maiores riquezas é o Aquífero São Sebastião, que engloba vários municípios do Litoral Norte e Agreste de Alagoinhas, indo de Dias D'Ávila, na Região Metropolitana de Salvador, até Tucano, no Nordeste baiano. Seus limites são: ao Norte, o município de Inhambupe; ao Sul, o município de Catu; a Leste, o município de

Araçás; a Oeste, o município de Aramari; a Nordeste, o município de Entre Rios; e a Sudoeste, o município de Teodoro Sampaio.

Imagem01: Mapa de Alagoínhas e cidades circunvizinhas



Fonte: <<http://ibge.gov.br/cidades/sat/>>

Alagoínhas é uma cidade distante aproximadamente 130 km da capital do estado da Bahia, e com extensão territorial de 733,397 km<sup>2</sup>. A cidade possui 132.727 habitantes, segundo o IBGE 2007, com densidade demográfica aproximada de 176,61 hab/km<sup>2</sup>. Do total de habitantes, 10.731 não têm instrução ou possuem menos de um ano de escolaridade. Em 2004, estavam matriculados no ensino fundamental 26.463 alunos e, no ensino médio, 8.739. São 182 os leitos hospitalares existentes e, desses, 115 disponibilizados pelo SUS - Sistema Único de Saúde. O município conta com sete agências bancárias e R\$ 1.271.961.673 era o montante referente ao FPM - Fundo de Participação do Município. Quanto ao rendimento mensal, em 2001, o IBGE registra que 24.737 habitantes recebem até um salário mínimo por mês, 4.615 entre três e cinco salários, e apenas 560 habitantes de Alagoínhas ganham mais de 20 salários mínimos por mês, o que revela a grande desigualdade no padrão de renda da população. Vale destacar que 51.037 habitantes são indivíduos sem rendimento. Em relação ao PIB- Produto Interno Bruto, em 2002

foram contabilizados R\$586.850,00, tendo valor adicional na agropecuária de R\$ 14.225,00, na indústria R\$ 211.632,00 e no comércio R\$ 237.929,00.

Ocorre que, em Alagoinhas, as preocupações com a conservação e preservação ambiental são limitadas, ou melhor, o foco do estudo da questão ambiental, que na verdade é uma questão territorial, social, política, econômica, cultural e espiritual, ainda está reduzido. Sendo assim, a pesquisa desenvolvida contribui, diretamente, para a cidade entender melhor a geração dos seus resíduos sólidos e, indiretamente, na perspectiva de perceber que um tema como o lixo pode e deve ser tratado de forma sistêmica.

A pesquisa revelou ampla relação entre o lixo dos moradores de Alagoinhas e o mercado capitalista (considerando a questão do lixo-resíduo como um dos grandes problemas da atualidade). Esse objeto amplia-se com a geração, cada vez maior, de resíduos, provocada pelo constante crescimento da produção de bens de consumo.

Foi nesta perspectiva que houve a preocupação de diagnosticar a realidade estrutural dos três bairros escolhidos. Através do uso da técnica do registro por imagem, a fotografia foi elemento central para expressar os *contrastes* que permeiam a realidade de Alagoinhas.

Os registros fotográficos que foram analisados, nessa dissertação, demarcam o tempo histórico entre Junho-Agosto de 2008. Cada bairro é apresentado por imagens organizadas de forma paralela, para visualização comparativa das distintas realidades, destacando critérios infra-estruturais que diretamente influenciam na qualidade de vida dos moradores como, por exemplo: pavimentação, iluminação, infra-estrutura dos imóveis e rede de esgoto.

### 3.1.1. Perfil dos bairros estudados

#### **PARQUE FLORESTA**

O Parque Floresta é um pequeno bairro de Alagoinhas que tem ótima aparência e fácil acesso. Suas ruas são pavimentadas, apresentam rede de esgoto, boa iluminação (grande número de postes com pouca distância entre eles) e adequada varrição. É importante registrar que, desde 2007, através do

Orçamento Participativo, o panorama da área vem melhorando, ainda mais, devido à parceria da comunidade com a prefeitura.

A aparência física de suas casas demonstra estrutura ampla, mais de um pavimento, com belos jardins, garagens com dois ou mais carros, sistema de segurança próprio; características que revelam elevado poder aquisitivo e qualidade de vida.

É interessante destacar o aspecto da segurança pois, além dos muros altos, das câmaras de vigilância e das cercas elétricas, os moradores deste bairro ainda pagam a vigilantes, demonstrando o medo que sentem, por possuírem poder político, social e econômico, o que atrai a ação dos “marginais”.

Concluindo, no aspecto moradia, a comunidade estudada pode contar com beleza, segurança e conforto, características que evidenciam pertencerem às classes mais elevadas da sociedade.

## **INOCOOP**

O Inocoop, também chamado de conjunto Miguel Fontes, abriga parte da classe média de Alagoinhas, conforme análise da aparência dos moradores, e das suas áreas de habitação. As casas, anteriormente padronizadas, hoje se apresentam diversificadas arquitetônica e estruturalmente, são rebocadas, bem divididas, todas pintadas e recebendo fornecimento de água e luz. O saneamento básico do local acontece; no entanto, ambientalmente, de forma precária, pois está escoando seus efluentes em uma lagoa que fica nos limites do bairro, sem que essa receba nenhum tratamento. Sua iluminação é razoável, com algumas ruas claras e outras escuras, devido a lâmpadas queimadas ou com defeito. A pavimentação necessita de reparos, o asfalto está destruído, apresentando buracos em muitos trechos.

## **BARREIRO**

O Barreiro é um bairro que apresenta precárias condições infra-estruturais. Sem pavimentação e saneamento básico, as fossas alagam as ruas

e se misturam com a sujeira de pontos de lixo criados por não haver varrição local. A iluminação é precária, muitos dos postes estão sem lâmpada, além de ser significativa a quantidade de “gatos” de energia a eles vinculados.

O bairro é composto por pessoas de baixo poder aquisitivo, apresentando índice considerável de beneficiados do programa do governo Bolsa Família. As casas do Barreiro são térreas, pequenas, sem manutenção, apresentam edificação sem acabamento, sem rebocos, sem lajes, nem pintura.

A comparação entre os bairros mostra contrastes entre vários aspectos:

#### a) Contraste entre Pavimentação



Bairro – Parque Floresta



Bairro - Inocoop



Bairro - Barreiro

Observa-se nas fotos, que a Rua do Parque Floresta apresenta asfalto em perfeita condição de tráfego, viabiliza o trânsito de veículos, principal meio de transporte dos seus habitantes. O Inocoop, apesar de ser também asfaltado, revela rua sem manutenção, apresentando até mesmo acúmulo de água devido à existência de buracos. Já o Barreiro apresenta rua sem asfaltamento, onde pode ser visualizada uma carroça, principal meio de transporte da área. Vale destacar que, neste bairro, a coleta de lixo é feita também por carroças, pois as precárias condições das ruas inviabilizam a chegada do caminhão de coleta.

## b) Contraste entre Iluminação



Bairro – Parque Floresta



Bairro - Inocoop



Bairro - Barreiro

Comparando a iluminação dos bairros estudados, o bairro categorizado como tipo A apresenta o mesmo modelo de poste usado no bairro de tipo B e C, no entanto se verificou que o Inocoop apresenta precárias condições de energia, pois como as ruas são largas e os postes distantes uns dos outros, dificultam a iluminação, deixando a rua escura, como pode ser observado na foto. Só se verificou *gato* de energia no Barreiro e, além disso, muitos postes apresentam-se sem lâmpada.

## c) Contraste entre os imóveis



Bairro – Parque Floresta



Bairro - Inocoop



Bairro - Barreiro

As casas revelam diferenças visíveis de condição sócioeconômica, só mesmo pela observação das fachadas. Outro aspecto importante de se perceber é o distanciamento e/ou proximidade entre as moradias: no Parque Floresta existe uma distância enorme entre as casas, no Inocoop ela também se faz presente, apesar de não ser tão acentuada, porém no Barreiro as casas são grudadas uma nas outras. Visualizam-se diferenças entre as calçadas frontais

dos imóveis. O Parque Floresta apresenta calçadas bem conservadas inclusive com jardinagem, paisagismo, no Inocoop a calçada é estreita, sem conservação, no Barreiro a calçada é mais estreita embora seja também a mais elevada, fato que pode ser atribuído à prevenção para os constantes alagamentos das ruas.

#### d) Contraste entre as redes de esgoto



Bairro – Parque Floresta



Bairro - Inocoop



Bairro - Barreiro

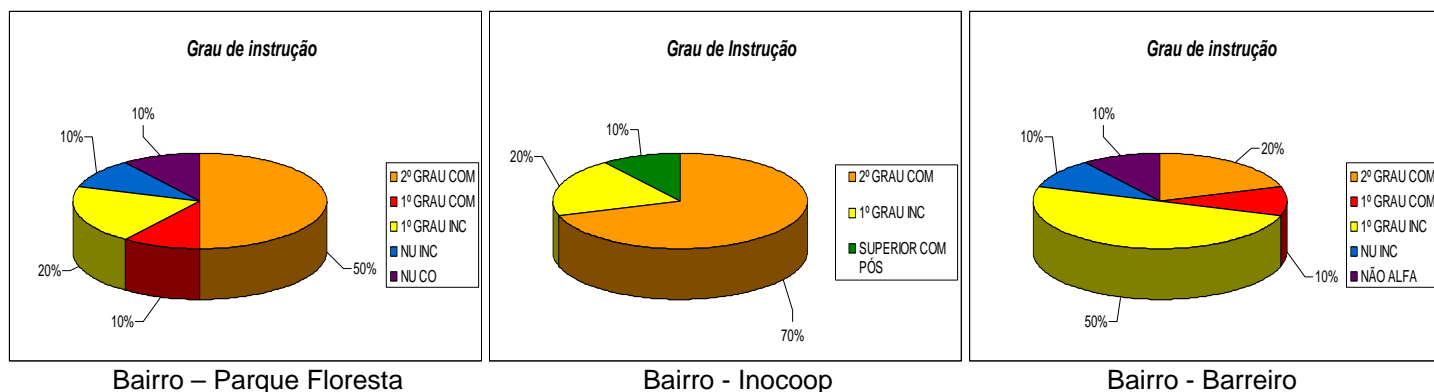
Observa-se que no Parque Floresta existe saneamento básico, com Boca de Lobo para drenagem da água pluvial; já no Inocoop, o equipamento instalado para o escoamento dos resíduos líquidos não apresenta a mesma qualidade. Neste bairro, o *efluente* é enviado para uma lagoa no fundo do conjunto que se encontra atualmente em situação de calamidade; e, no Barreiro, não se vê nem mesmo um rudimentar sistema de esgotamento sanitário, os dejetos correm a céu aberto, lançados na rua, onde também não existe qualquer forma de escoamento.

#### 3.1.2. Reconhecimento dos residentes

A título de organização e, ainda, para facilitar o reconhecimento dos moradores, apresento a primeira parte da entrevista, intitulada identificação (vide anexo A), em forma de gráficos comparativos que foram comentados quantiquantitativamente, para visualização de forma direta e objetiva de índices, como: Grau de instrução; condição de moradia; renda familiar; quantidade de residentes na casa.



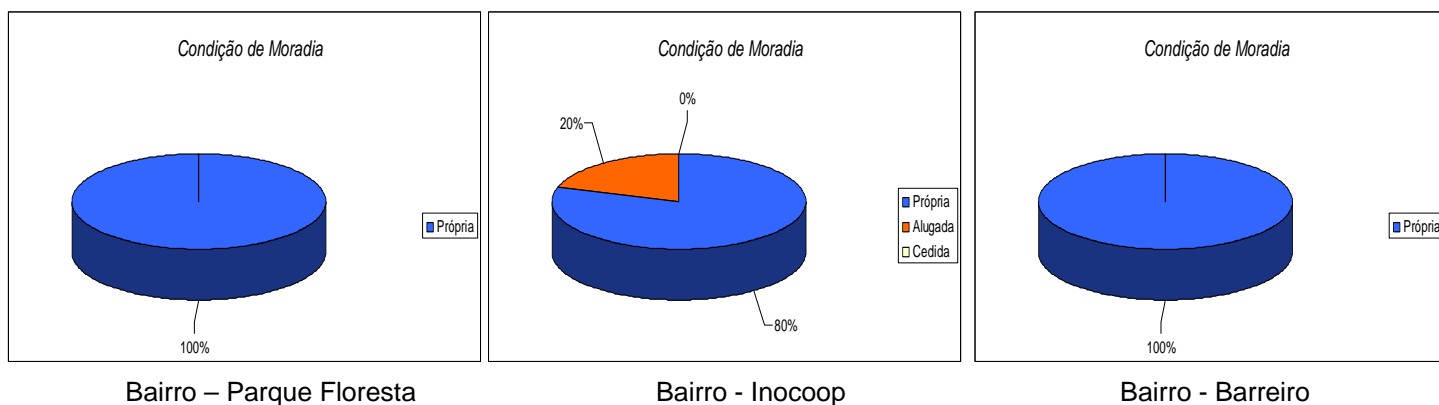
## a) Grau de Instrução



No Parque Floresta metade da população pesquisada possui 2º grau<sup>3</sup> completo e a outra metade distribuí-se da seguinte forma: 10% de indivíduos com nível superior completo, 10% com nível superior incompleto, além de 20% com 1º grau incompleto e 10% com 1º grau completo. No bairro categorizado como tipo B – Inocoop, a relação com a escolaridade já é maior. Aí aparece somente três indicadores, 70% têm 2º grau completo, 20% 1º grau incompleto e ainda surgiu o dado de 10% de pós-graduados. No Barreiro aparecem seis indicadores diferentes: metade da população com 1º grau incompleto e até o não alfabetizado, revelando precariedade cultural no que se refere à educação formal; mas existe o índice de universitário, o que demonstra a viabilidade de particularidades específicas, já que existe uma universidade pública na cidade UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Ao analisar os dados, podemos concluir a pouca relação da escolaridade com o morar.

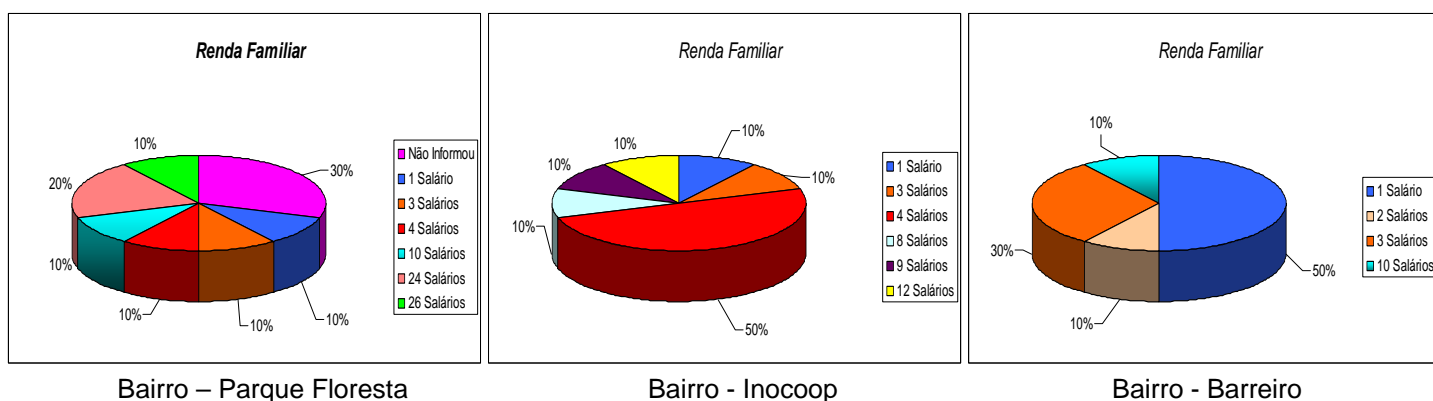
<sup>3</sup> Sobre os termos de identificação da escolaridade foi opção manter a resposta extraída da entrevista embora na atualidade os termos sejam: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e superior.

## b) Condição de Moradia



Neste quesito foi pesquisado se o morador residia em casa própria (quitada ou financiada), alugada ou cedida (emprestada por amigo ou parente). Verifica-se que tanto no bairro A quanto no C todos têm residência própria e vale a pena informar que nenhuma das residências visitadas está em situação de financiamento. Só aparece a situação de residir de aluguel no Inocoop, e em índice de apenas 20%. Destaca-se que o aluguel em Alagoinhas não é comum, pois o acesso à moradia própria é fácil de se viabilizar (apesar de às vezes em condições adversas).

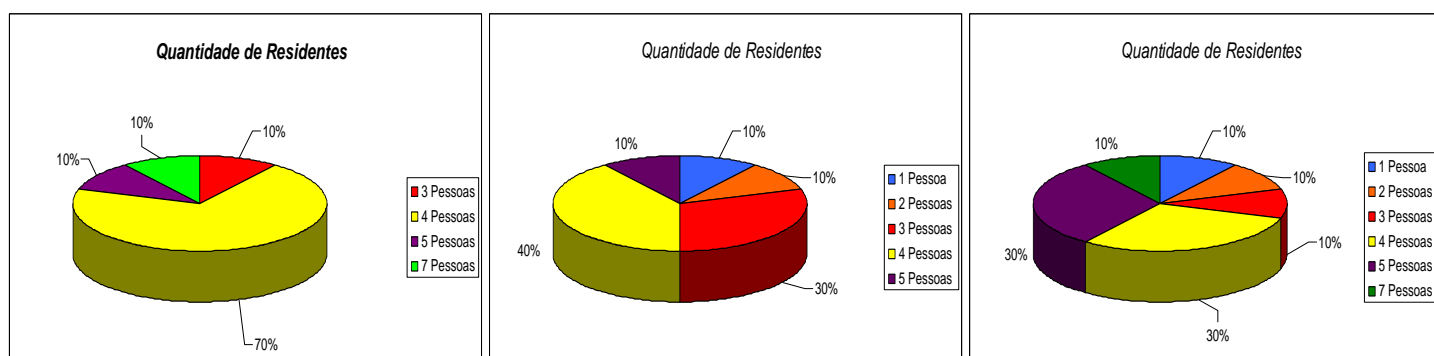
## c) Renda Familiar



Ao pesquisar a renda familiar dos moradores do Parque Floresta, aparecem informações das mais divergentes, que indicam o desinteresse dos moradores em revelar sua real situação econômica, fato inclusive comprovado com os 30% que não quiseram informar o valor da renda, talvez por medo - eles comentam bastante sobre a violência na cidade, no entanto, existiu informação

de montante salarial de até R\$ 10.790,00 que, para Alagoinhas, é um grande salário, pois em dados oficiais apenas 560 habitantes como já apresentado neste capítulo, ganham mais de 20 salários mínimos por mês, comprovando a categorização do Parque Floresta como bairro do tipo A. No Incoop, repetiu-se a grande variação nos valores da renda, ficando esta entre o mínimo de 1 salário e o máximo de 12 salários, contudo a renda de metade da população pesquisada perfaz um total de quatro salários. O Barreiro reforça a categorização de bairro tipo C. Em nenhum dos outros bairros identificou-se desigualdade tão acentuada, já que 90% da população têm renda familiar entre zero e três salários (o extremo inferior de renda familiar zero, só aparece aqui), em oposição a 10% com renda familiar de 10 salários.

#### d) Quantidade de Residentes



Bairro – Parque Floresta

Bairro - Incoop

Bairro - Barreiro

Antes de iniciar o comentário, importa destacar que as entrevistas foram feitas nos domicílios e que a pessoa que concedeu a entrevista foi orientada a considerar como morador todo indivíduo que dorme em casa. Verifica-se que nos três bairros pesquisados, as famílias entrevistadas apresentam-se em sua maioria compostas por quatro membros. Entretanto, no Parque Floresta, essa faixa é mais ou menos duas vezes maior que nos demais bairros, além de também não haver um residente único. No bairro de tipo A existe uma variação de três a sete residentes por imóvel, no de tipo B de um a cinco habitantes, e no do tipo C de um a sete moradores, revelando média de residentes bastante similar.

### 3.1.3. A prática de consumo e descarte dos moradores

A entrevista aplicada, continha uma segunda parte, onde busquei informações sobre a relação com o lixo e o consumo (Anexo A). A análise da entrevista demonstra, de maneira generalizada, que o viés econômico é o fator que maior influência exerce sobre a relação com o resíduo do consumo.

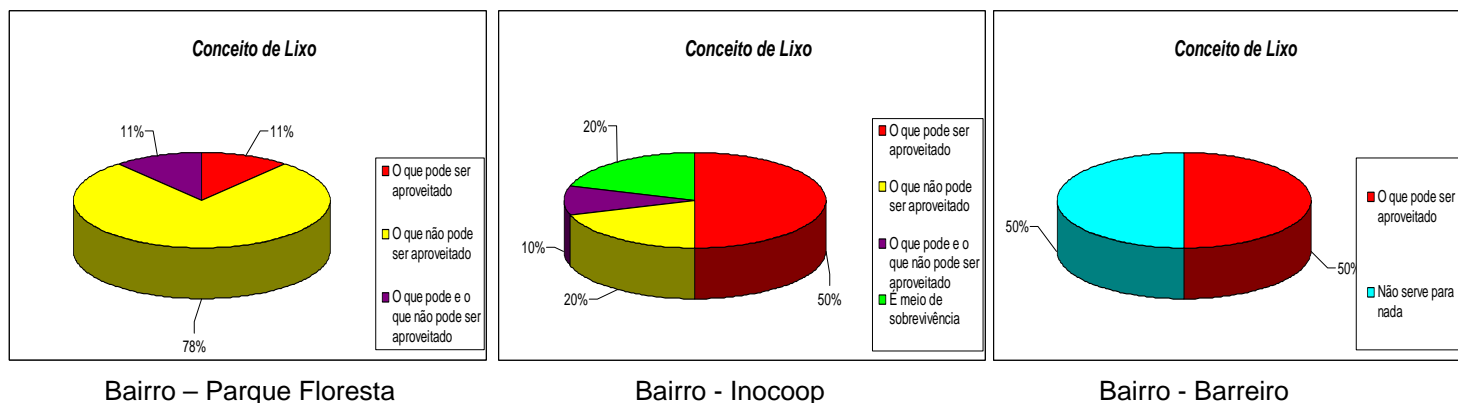
As pessoas consideradas de baixo poder aquisitivo descartam menos porque não têm condição de consumir muito e, desse modo, não substituem seus bens por outros mais modernos, por questão financeira. Não houve, na pesquisa, qualquer referência a aspectos que sugerissem a redução do consumo por uma melhor consciência ecológica. Os que têm elevado e médio poder aquisitivo, também, não percebem a relação entre comprar muito e poluir. Daí, o que se compra e o que se joga fora estão diretamente atrelados, relacionados, e subjugados a quanto se ganha, ou melhor, ao poder aquisitivo. Como afirma a autora:

Quando o mercado vai demasiadamente longe, dominando os resultados sociais e políticos, as oportunidades e recompensas da globalização difundem-se de forma desigual e não eqüitativa, quando as motivações do lucro dos atores do mercado ficam fora de controle, desafiam a ética das pessoas e sacrificam o respeito pela justiça e direitos humanos. (DORNELLES, 2007, p 223)

Na verdade, o viés cultural/ideológico é que causa impacto direto sobre o consumo consciente e proporciona, conseqüentemente, um mínimo descarte, sendo, no entanto, um dado que aparece de forma bastante reduzida no espaço estudado (assim como em todos espaços periféricos de capitalismo neoliberal); e, quando se evidencia, vincula-se fortemente à escolaridade, formação do indivíduo.

A produção, consumo e descarte foram analisados em função dos itens a seguir:

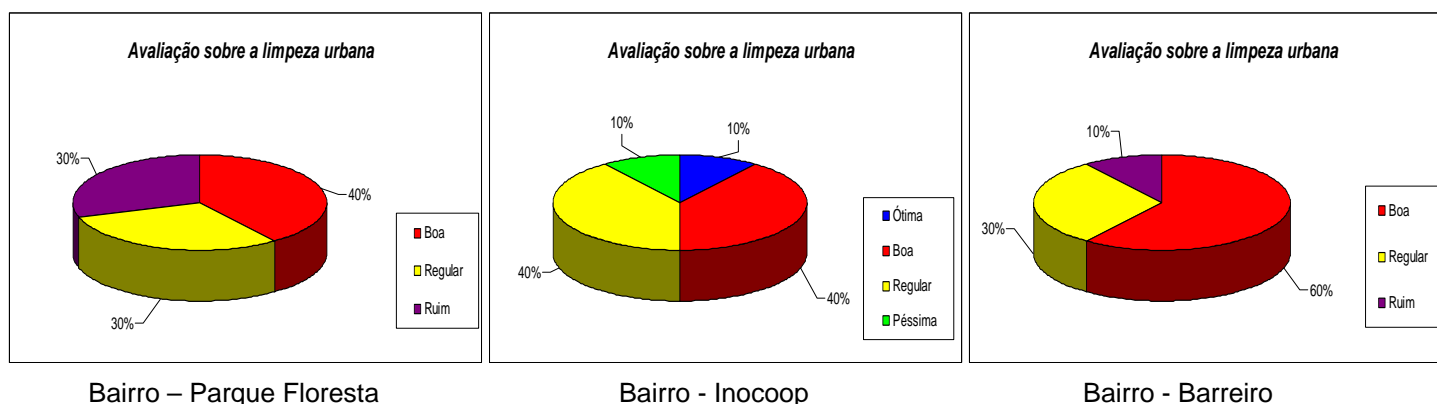
## a) Conceito de Lixo



Na questão conceito de lixo, a resposta “o que pode ser aproveitado” foi dada nas três áreas pesquisadas, sendo que no bairro do tipo A, seu índice foi bem inferior, apenas 11%, enquanto no Inocoop e no Barreiro metade da população entrevistada considera o lixo como algo que pode ser aproveitado. Uma outra idéia foi “o que não pode ser aproveitado”. Trata-se de uma visão contrária a primeira e demonstra a confusão que o conceito de lixo provoca, pois, embora elas não estejam erradas, a teoria atual consideraria como correta a segunda definição, pois hoje aquilo que pode ser aproveitado não é lixo, passa a ser matéria-prima ou bem de uso.

Essa segunda idéia de lixo contemplou 78% dos residentes do Parque Floresta, 20% dos moradores do Inocoop e não apareceu no Barreiro. No entanto, uma idéia próxima evidencia-se pelos 50% dos moradores do Inocoop e Barreiro que afirmaram ser o lixo “aquilo que não serve mais para nada”. No Inocoop aparecem 10% de moradores que conceituam lixo de forma mais generalista como “aquilo que pode e que não pode ser aproveitado, índice que é de 11% no Parque Floresta. Temos também, 20% de residentes do Inocoop que definem lixo como “meio de sobrevivência” como é o caso do morador M.G., sexo feminino, 54 anos, “para que muitos possam sobreviver, o lixo é sobrevivência”.

### a) Avaliação da Limpeza Urbana em Alagoinhas-Ba



Alagoinhas produz, aproximadamente, 2000 toneladas de lixo por mês, ou seja, mais ou menos 65 toneladas de lixo por dia. A limpeza da cidade é feita sob a responsabilidade da Secretaria de Serviços Públicos, coordenada pelo secretário Pedro Sobral. Segundo relatórios da SESEP- Secretaria de Serviços Públicos, existem 90 funcionários para executar a coleta de lixo da cidade. O trabalho de limpeza urbana é apoiado pela empresa terceirizada Torre Empreendimentos, que funciona com aproximadamente 105 funcionários, 5 caminhões percorrendo 5 roteiros pela cidade; em locais de difícil acesso e para a zona rural a coleta é feita por 44 carroças. Todo o lixo coletado é despejado em aterro sanitário, situado na estrada do Rio Branco, na altura do quilômetro 109 da BR-101 e tem capacidade para 45,6 toneladas de lixo/dia, ultrapassando a capacidade de carga em 19,4 toneladas de lixo/dia.

Além destas informações, a entrevista com os moradores acabou evidenciando os pontos de lixo críticos da cidade que são: a) 2º Travessa da Juracy Magalhães, após o Ponto7; b) fundo do Tênis Clube; c) Silva Jardim; d) Santa Isabel; e) Santo Antonio; f) 15 de Abril; g) Inocoop; h) Cachorro Magro; i) Cruzeirinho no 15 de Novembro; j) Margem da linha; l) Largo do Barreiro; m) Luís Viana - região do Luís Eduardo; n) Praça Kennedy.

Neste quesito da entrevista, o índice “ótima” só teve 10% de representatividade, e isso no Inocoop, no entanto, o critério seguinte, “boa”, teve 40% de representação no Parque Floresta, 40% no Inocoop e 60% no Barreiro.

A moradora do Inocoop, A., 35 anos, afirma ser o sistema de coleta regular, complementando: “Regular. Não acho que é o poder público que deixa a desejar, pois coleta seletiva e carro de lixo passam direto, mas a população não tem uma consciência ecológica desenvolvida para este trabalho”. No bairro de categoria A, 30% acham regular, no bairro de tipo B, 40%; e no tipo C, 30% dos moradores também consideram regular. No Parque Floresta, 30% dos moradores avalia a limpeza da cidade como ruim, e no Inocoop, 10% acham péssima. Aparece a contradição no Inocoop, o único bairro a apontar indicadores extremos, ótimo e péssimo e a coincidência entre os bairros para o conceito regular.

### c) Forma de Descarte de Lixo



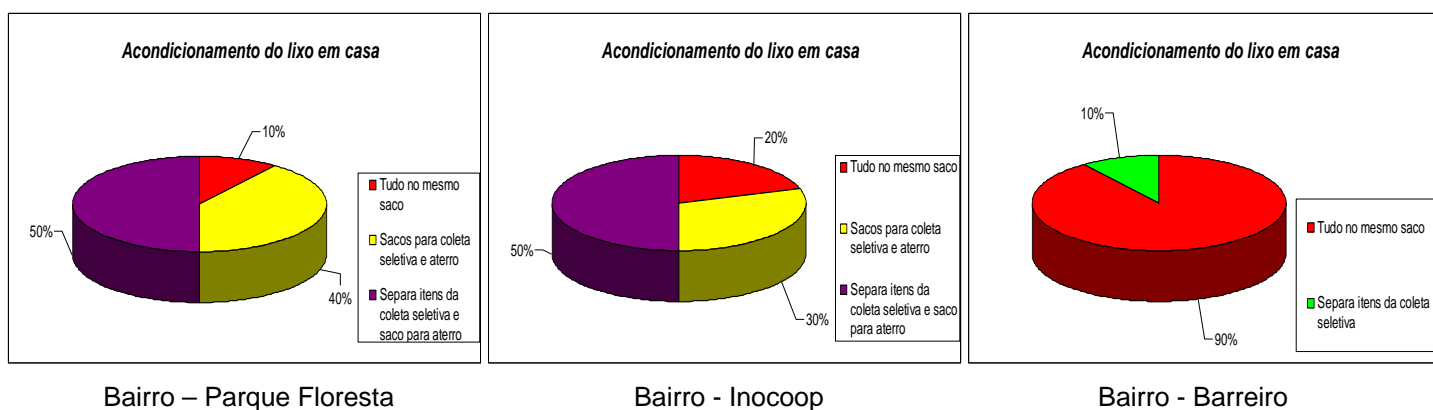
É importante destacar nesta questão que, de acordo com registros da prefeitura, desde 2001 a gestão municipal estabeleceu uma parceria com os catadores de lixo do município, via Secretaria Municipal de Ação Social, para efetivar a coleta seletiva e, em 18 de outubro de 2006, com o trabalho de mobilização e capacitação do PANGEA<sup>4</sup>, a Cooperativa de Catadores de Alagoinhas – CORAL foi legalizada, contando atualmente com 35 famílias associadas.

Sobre a forma de descarte do lixo, houve pouca variação de respostas entre os bairros pesquisados, sendo que, no Barreiro, além do caminhão, apareceu a carroça como meio de transporte para a coleta do lixo, isso devido às ruas estreitas e muito acidentadas que impedem o acesso de veículos

<sup>4</sup>PANGEA- é um Centro de Estudos Socioambientais, com patrocínio da Petrobras, que tem como ação integrante o Projeto Rede Catabahia.

pesados. Neste bairro, 40% do descarte é levado pela carroça e 60% é recolhido pelo caminhão, sendo todo resíduo misturado. Os moradores afirmam saber que deveriam selecionar o lixo, mas não o fazem, como se observa na fala de F, sexo feminino, 53 anos, moradora da Rua do Avião: “eu sei que o certo é separar, mas o meu eu misturo tudo em sacos”, e na fala de J, sexo feminino, 58 anos, moradora do Barreiro de Baixo, que afirma: “tem vez que não tenho paciência de separar, então joga fora tudo misturado”. No Inocoop, a separação para a coleta seletiva obteve 90% de representatividade, e só 10% dos entrevistados dizem jogar no lixo tudo misturado, como explicita a entrevistada A, 35 anos: “No meu lixo doméstico só joga fora o material orgânico e o resto dou para o pessoal da coleta seletiva levar” ou, ainda, R, sexo masculino, 29 anos, morador da Rua 4. “Antes jogava tudo, mas agora, com a coleta seletiva, minha esposa separa tudo”, e G, sexo masculino, 66 anos morador da rua 2: “Geralmente resto de comida, cascas de frutas e verduras, os outros lixo já deixo separado para a coleta, quando passa nos dias certos levar”. Interessante observar a queixa implícita na fala “quando passa nos dias certos”, justificando o fato de a coleta seletiva ter dois dias fixos na semana para recolhimento do material em cada bairro, o que, muitas vezes, não acontece. No Parque Floresta, revelando maior aproveitamento do material que no Inocoop, 100% dos moradores dividem seus resíduos em recicláveis, doando-os para a cooperativa CORAL; os não recicláveis, mandam para o aterro sanitário, através do caminhão.

#### b) Forma de Acondicionamento do Lixo em Casa





Ao questionar como você acondiciona o seu lixo, em casa? a resposta “tudo no mesmo saco” apresentou a frequência de 10% no Parque Floresta, 20% no Inocoop e 90% no Barreiro.

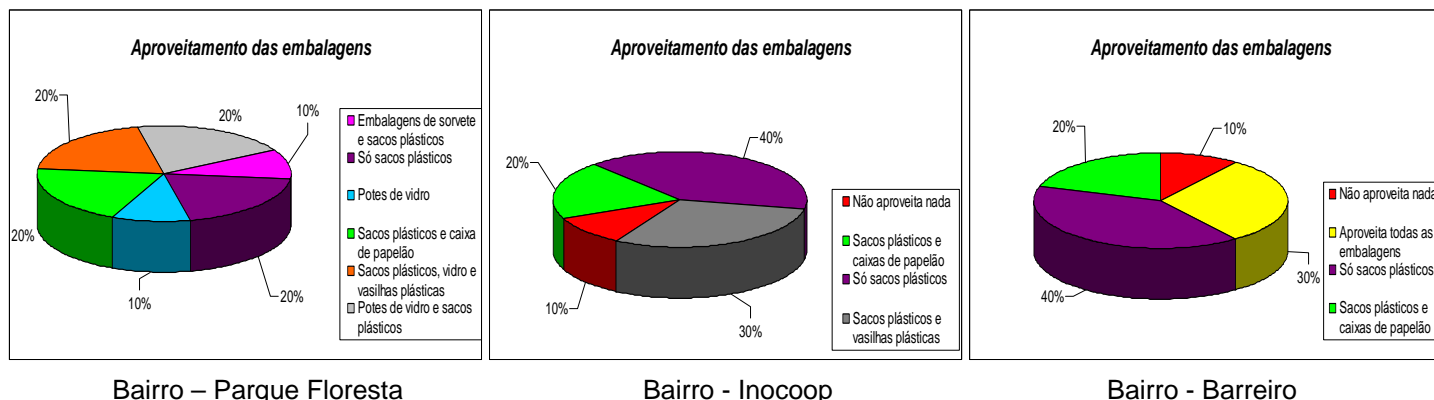
No Parque Floresta, o índice é, aparentemente, contraditório com o resultado obtido na questão anterior “Forma de Descarte do Lixo”, onde 100% dos entrevistados afirmaram: “Parte é recolhido pelo caminhão e a outra pela coleta seletiva na porta” – o que só ocorreria se após o acondicionamento houvesse uma separação.

Uma outra categoria apareceu, repetindo-se nos dois primeiros bairros, com índices de 50%: “separa por itens da coleta seletiva - papel, plástico, metal e vidro e outro saco (de não reciclado) para o aterro”. No Barreiro, 10% afirmam “separa por itens da coleta seletiva - papel, plástico, metal e vidro”. Ainda quanto à forma de acondicionamento, 40% do Parque Floresta separam reciclável para coleta seletiva de não reciclável para o aterro, sendo 30% os que, no Inocoop, comungam dessa prática.

A entrevistada R.C, do Inocoop, 40 anos, afirma: “Acondiciono separadamente, separo o da coleta seletiva, separo latinhas, vidro, papelão, sacos plásticos, cada um em seu local, coloco também em sacos separados os restos de alimento, papel higiênico e ciscos de casa”. No Barreiro, L, sexo feminino, 63 anos, diz: “Coloco em baldes revestidos com saco, mas tudo misturado”. No Parque Floresta, a resposta foi quase unânime, igual á de E, sexo feminino, 27 anos: “em sacos plásticos, tudo separado”.

Diferente de muitos discursos que afirmam que a necessidade econômica e a visualização da coleta seletiva como alternativa de renda levam bairros pobres a atitudes ecológicas em relação ao lixo, o recorte da amostra deste estudo demonstrou que o bairro periférico não está diretamente envolvido com a prática da coleta seletiva.

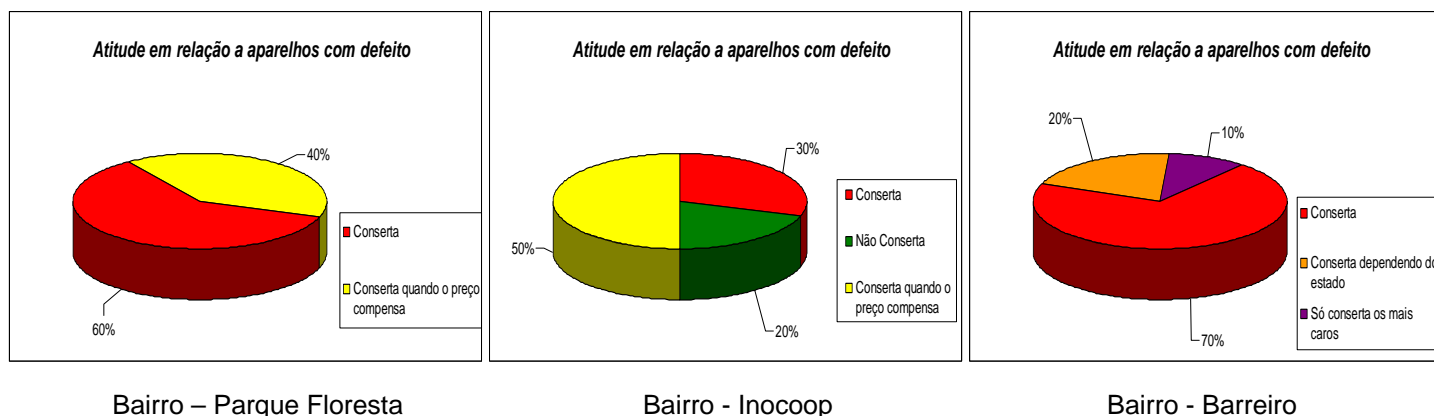
### c) Aproveitamento das embalagens que compra



No bairro tipo A, M. P., 63 anos, sexo feminino, respondeu “Os sacos plásticos aproveito para colocar o lixo e dar alguma coisa às pessoas que passam pedindo”. No Bairro tipo B, M., 48 anos, sexo feminino, afirmou: “Os sacos plásticos para colocar o próprio lixo” e no bairro tipo C, A.P., diz: “Geralmente, aproveito as sacolas de plástico para colocar o lixo”. Assim, fica evidente que o grande destaque em aproveitamento é o saco de plástico.

Vale destacar que o mercado, hoje, não vende os produtos só pelo conteúdo; a forma como esses são apresentados (as embalagens) também é incrementada para estimular o consumo. Por isso, muito do que chega às casas como invólucro não é jogado fora. Aproveita-se, principalmente, além dos sacos plásticos, embalagens plásticas (como potes de soverte), potes de vidro, caixas de papelão como pode ser percebido pelos dados da pesquisa. Dessa maneira, é possível afirmar que a prática do descarte é definida pelo valor/ significado/ funcionalidade dada ao objeto que foi consumido.

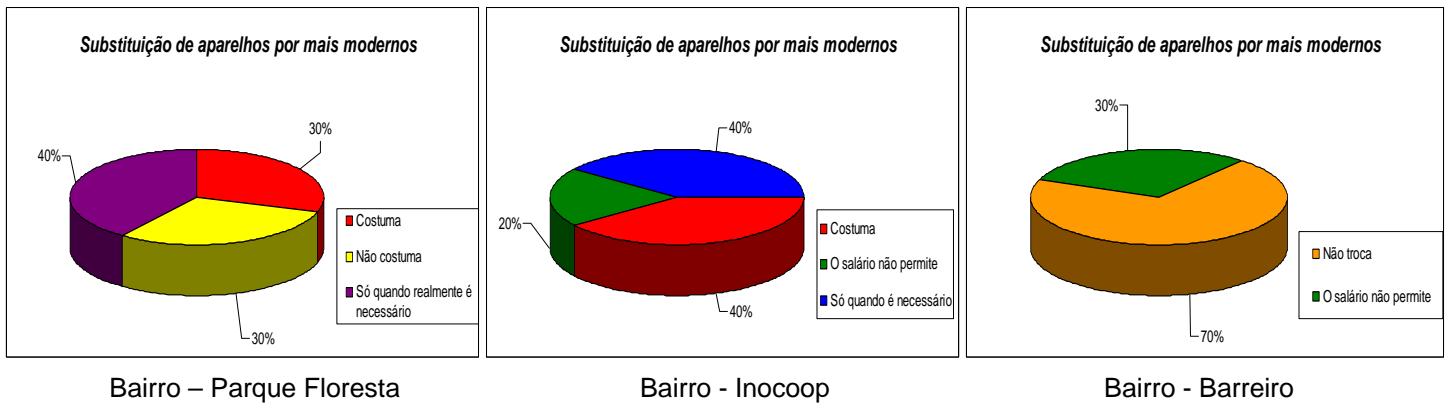
## f) Atitude em relação aos aparelhos com defeito



A pergunta da entrevista foi: *Você costuma consertar os aparelhos eletroeletrônicos quando apresentam defeitos?* A moradora R, do Parque Floresta, 50 anos, respondeu: *“Conserto quando está em conta o preço do conserto, mas se o conserto é mais caro prefiro jogar fora”*. Revela-se, pela fala, a vertente do valor econômico como dominante da ação, não existindo qualquer preocupação com valores sociais e ambientais. Essa idéia economicista é detectada nas três áreas pesquisadas: no Parque Floresta, o índice alcança 40%; no Inocoop 50%; e no Barreiro, 70%, sendo que o conceito “caro” se refere ao valor do produto e não ao valor do serviço. A resposta “conserto” foi verificada nos três bairros: 60% no categorizado como tipo A 30% no tipo B e 70% no tipo C. Reforçando a idéia já construída, que é a classe média quem mais consome, somente os moradores do Inocoop (20%) afirmaram não consertar os aparelhos, a exemplo de M.G., 56 anos, sexo feminino: *“Não; só se for muito novo, meu marido dá uma olhadinha”*.

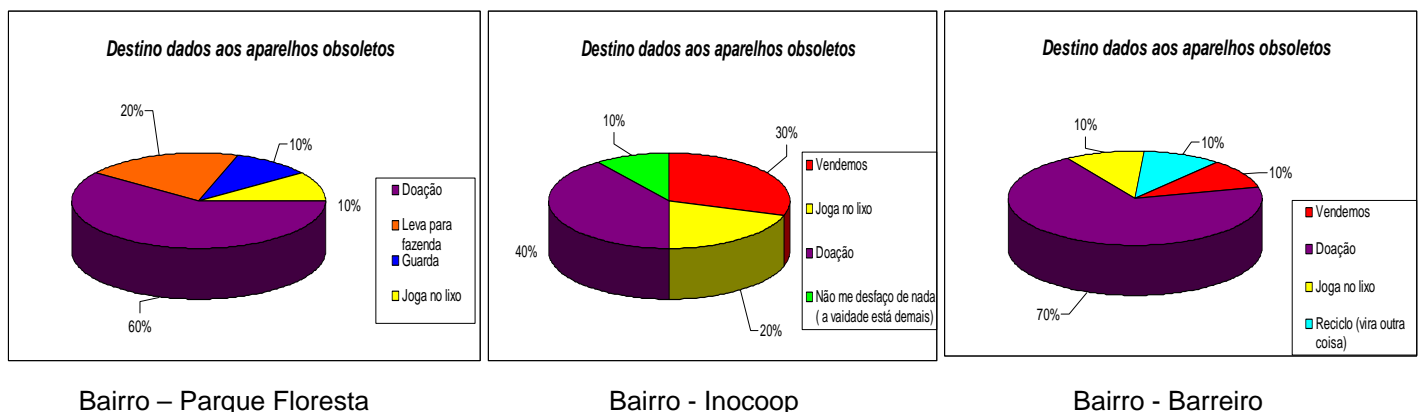
A Opuência Panejada, estudada nessa dissertação, pode ser claramente percebida nos resultados dessa questão.

### g) Substituição de aparelhos por mais modernos



Reforçando a idéia de obsolescência, nessa questão, 30% dos residentes do Parque Floresta e 40% dos moradores do Inocoop afirmaram praticar a substituição de aparelhos eletro-eletrônicos por mais modernos. No Barreiro, 70% não trocam e 30% responderam não trocar, pois “o salário não permite”. Isso demonstra que o não praticar a substituição de aparelhos por mais novos não é uma atitude motivada pela consciência, e sim devido ao baixo poder aquisitivo. A mesma resposta foi dada por 20% dos moradores entrevistados no Inocoop. Ainda neste bairro, 40% dos moradores pesquisados responderam: “Só troco quando necessário”. Observou-se no Parque Floresta, ênfase por parte de 40% dos entrevistados ao responder “trocar só por real necessidade” o que definiu outra categoria: só quando realmente é necessário.

### h) Destino dado aos aparelhos obsoletos



Devido a Preocupação com o tempo de vida útil dos aterros sanitários e sabendo que os resíduos tecnológicos demoram muito para se decompor, estruturei a questão: Quando você se desfaz dos aparelhos tecnológicos, qual o destino dado? Os moradores de Alagoinhas, das áreas pesquisadas, informam, em sua maioria, que doam: no Parque Floresta, 60%; no Inocoop, 20%; e no Barreiro 70%. Jogar fora, aparece com o menor índice 10%, no Parque Floresta; e Barreiro; 20%, no Inocoop. Interessante observar que no Parque Floresta aparece a categoria “levo para fazenda/casa de praia,” revelando o padrão econômico mais elevado do universo pesquisado, e contraditoriamente, o aproveitamento, em um local mais despojado e menos exposto e freqüentado. Interessante a resposta: “Não me desfaço de nada, a vaidade está demais”, que aparece no Inocoop, revelando a perspectiva do consumo consciente e entendimento da política do mercado capitalista neoliberal. Outra resposta que merece destaque foi localizada no Barreiro: “reciclo, vira outra coisa”. Nota-se a compreensão da proposta do descarte mínimo, mas identifica-se a desinformação do conceito de reciclagem e reaproveitamento, que acabam aparecendo como sinônimos, sem ser.

O trabalho de pesquisa científica tem o compromisso de apontar caminhos, pontuar propostas, levantar alternativas e discutir a viabilidade destas. É com essa intenção que foi construído o próximo capítulo: Possibilidades e Alternativas para o Destino do Lixo.

## Capítulo 4

# POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS PARA O DESTINO DO LIXO

*O ser humano–corpo–alma tem uma singularidade parte do universo e com ele conectado pode entender-se como filho da Terra.*

*Leonardo Boff*

## 4 POSSIBILIDADES E ALTERNATIVAS PARA O DESTINO DO LIXO

A limpeza urbana é o serviço de coleta, transporte, tratamento e destinação final do lixo gerado em um município. É um serviço público municipal, executado diretamente pela prefeitura ou por empresas terceirizadas, contratadas e fiscalizadas pela prefeitura. É um componente fundamental do saneamento, porque a limpeza afeta diretamente a saúde e a estética da comunidade. O destino do lixo, na maioria dos municípios brasileiros, é o lixão, o que não é uma forma adequada de disposição final do lixo, pois fica sobre o solo, a céu aberto, facilitando a proliferação de vetores de doenças, produz mau cheiro, contamina o solo e as águas, e também os lençóis freáticos, com o *chorume*.

A forma correta de disposição final do lixo é o Aterro Sanitário, pois segue a Legislação Ambiental, as normas e critérios técnicos da mesma, desde a escolha da área até a operação do aterro. Nestes locais, o solo recebe uma camada de material impermeável, os resíduos são cobertos e compactados para impedir o mau cheiro e a multiplicação de vetores, o *gás metano* é drenado, e o *chorume* é captado e tratado.

Outra maneira de gerenciar os resíduos sólidos é incinerando-os. Segundo Victorino (2000, p. 63), este é um método de alto custo, pois necessita de vários tipos de filtros para que se evite a poluição atmosférica, já que se lança na atmosfera *monóxido de carbono* e *material particulado*. Por outro lado, as cinzas obtidas nesse processo servem para a fabricação de fertilizantes (por seu conteúdo mineral e energia liberada na *combustão*, serve para geração de energia elétrica).

Diferentemente do processo de incineração, a compostagem é um procedimento de custo mais baixo, necessita de uma seleção prévia dos resíduos sólidos, ou seja, da parte inorgânica (papel, plástico, metal, vidro) e da parte orgânica (sobras de alimentos, cascas de frutas). A parte orgânica recebe um tratamento biológico, dando origem a um composto rico em nutrientes, como a terra vegetal, servindo para a fertilização do solo.

Existe, ainda, o método de trituração quando, através de meios mecânicos, o lixo é fracionado em pequenas partes, e o de segregação, que consiste em

separar na fonte para ser coletado seletivamente e enviado para a indústria de reciclagem.

De acordo com Grippi (2001, p. 17), gerenciar lixo, na concepção da palavra, significa cuidar dele do “berço ao túmulo”, definindo muito bem como deve ser o gerenciamento do lixo nos dias de hoje: desde sua geração, seleção, até a disposição.

Metade do lixo que vai para os aterros é composto por materiais que poderiam ter outros destinos, através de ações como a prática dos quatro “erres”. Repensar, que consiste em atribuir um “novo olhar” para a gestão dos resíduos sólidos, ou seja, aproveitando melhor os recursos naturais, obtendo assim a redução dos mesmos. Partindo então para uma nova proposta, tem-se a Redução que, por sua vez, consiste em diminuir o consumo, em especial de bens supérfluos, que ajuda na redução do lixo produzido. Mas, esta necessita de mudanças de comportamentos.

[...] mudança de mentalidade perante o rumo pelo qual o homem está seguindo será um benefício de todos, fazendo surgir conseqüentemente uma nova consciência, uma nova postura ética perante a natureza e perante o próprio homem. [...] é preciso que o homem se livre da obsessão de poder, de denominação de tudo, inclusive sobre seus semelhantes (VICTORINO, 2000, p. 19).

Segundo a Cartilha da TRANSPETRO (2001, p.11), a medida mais importante para diminuição dos resíduos sólidos é a reciclagem, que ocorre quando uma pessoa dá preferência a produtos que comprovadamente não impactam o meio ambiente.

Em resposta ao comprometimento de apontar possíveis destinos para o resíduo do consumo, cabe mais uma vez atentar que o melhor é a prática de um consumo consciente, a chamada reciclagem, para só então partir para o processo de Reutilização, que ocorre a partir de atitudes que proporcionam uma nova função para algum material já usado. A principal vantagem desse processo é a possibilidade de aproveitar melhor os recursos naturais, a energia e o trabalho empregados na produção de bens de consumo.



Já a Reciclagem, consiste na transformação de um material usado em uma nova matéria-prima, preservando, em determinados aspectos, algumas características do material original.

Um grande aliado para a reciclagem é a coleta seletiva, que se baseia na separação de materiais na fonte geradora. Os resíduos podem ser classificados como secos (papéis, vidros, metais e plásticos) e molhados (restos de alimentos). Existem, ainda, materiais descartados, que não podem ser reciclados, a exemplo do lixo produzido em clínicas, laboratórios de análises e hospitais. Em geral, esse tipo de resíduo deve ser incinerado (queimado a altíssima temperatura).

Sabe-se que o ambiente é algo complexo, e os elementos que o formam permanecem constantemente em interação. As ações que causamos sobre o meio trazem mudanças, além de comprometer nossa qualidade de vida. Os impactos provocados por nós, seres humanos, muitas vezes causam grandes desequilíbrios naturais que levam um longo período para se recompor:

[...] a falta efetiva de adequação da Política Ambiental dos Municípios contribui para o agravamento dos problemas com o lixo. Soma-se a isso o crescimento descontrolado e desgovernado da população que procura moradia nos grandes centros, aumentando consideravelmente a geração dos resíduos sólidos, trazendo conseqüências desastrosas para o meio ambiente e forçando as prefeituras a buscarem alternativas corretas para a destinação do lixo num tempo exeqüível. (ARAÚJO apud GRIPPI, 2001, p.IX).

Desta forma, o mais forte valor que se opõe à preservação do ambiente é o consumismo, um ímpeto incontrolável de possuir bens dispensáveis, pelo simples prazer de ter, mesmo que já tenhamos algo parecido. O consumismo e o desperdício são os centros de todos os problemas de poluição e destruição da natureza, e a própria indústria incentiva o desperdício, ao produzir bens de péssima qualidade e pouco duráveis.

O lixo compromete a saúde do povo e provoca poluição ambiental, causa *assoreamento* dos rios e canais de drenagem, prejudicando, assim, a qualidade ambiental e gerando prejuízos materiais e humanos.

O desperdício é um problema que atinge quase toda a população mundial. Isso abrange desde a utilização irracional de produtos de uso diário até a nossa

alimentação, o consumo de energia elétrica e de água. O ser humano precisa aprender a utilizar os recursos naturais de forma mais eficiente, repensar seus hábitos de consumo, buscando um novo estilo de vida, resgatando e criando novos valores, e reduzindo, dessa forma, o impacto negativo sobre o ambiente.

Um dos maiores problemas ambientais em muitas cidades do mundo é sem dúvida o lixo. Para resolver esta questão, é preciso passar por uma revisão dos *paradigmas* de produção e consumo. Cada um de nós, particularmente, pode tomar atitudes para enfrentar esse problema. Por exemplo: Os restos de alimentos, podas de árvores, entre outros, podem ser transformados em compostos (compostagem), para o uso na agricultura ou até mesmo nos jardins públicos. Desta forma, vamos aprendendo a não gastar à toa e aproveitando mais os materiais, evitando o desperdício, que é o mau uso e o consumo exagerado (consumismo).

A quantidade e a qualidade de lixo mudam de acordo com o nível de vida, os hábitos pessoais e a época do ano. Ainda piora, pois a população, em sua maioria, não coopera com as questões referentes ao meio ambiente. Não pode haver, portanto, conservação e, muito menos, preservação ambiental sem educação ambiental e políticas públicas afins.

[...] preservar o meio ambiente significa preservar a vida: a vida saudável, digna e produtiva, uma preocupação que deve passar pela educação da população em todas as faixas etárias. [...] deve acompanhar os indivíduos durante toda a sua vida, através do autoconhecimento e do conhecimento do que é o homem, a vida, a natureza e o ambiente predador. (BRANCO, 2003, p. 01)

Apresento, nas Considerações Finais, o caminho da Educação Ambiental como o mecanismo que pode viabilizar a efetivação de um desenvolvimento local sustentado e, com isso, proporcionar uma nova e necessária relação com o lixo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante entender que o lixo sempre existiu nas vidas das pessoas; o seu significado é que se modificou ao longo da história. Nas cidades medievais, os lixos eram jogados nas ruas e não representavam os problemas que representam hoje para a sociedade de produção em massa, industrial e de consumo que, de forma *semiotica* precisa do lixo que afirma não gostar.

Atualmente, existem dois grupos de pessoas: os que se afastam, fingindo que o lixo não existe, e os que estudam a temática intensamente, na tentativa de criar soluções para a frenética produtividade que degrada o ambiente lançando seus dejetos na natureza, que tem um ritmo natural de regeneração, o qual não dá conta da velocidade produtiva.

Na verdade, a questão dos resíduos sólidos vai além das possibilidades técnicas, para ser resolvido, deve estar contemplado no projeto político-econômico da nação como prioridade, pois a relação desarmonizada entre o homem e natureza (que foi amplamente apresentada ao longo do trabalho) está diretamente relacionada às intenções contemporâneas ao modelo de progresso econômico, opulência planejada, que se caracteriza pela produção intensa e consumo exacerbado.

A chamada reciclagem é o exemplo mais visível desta dimensão, pois o sistema produtivo, ao reciclar, também gera restos que poluem a natureza. O aproveitamento dos resíduos inquestionavelmente diminui a extração ilimitada de recursos naturais, mas não resolve o problema da forma acumulativa de se produzir. Como esclarece Leff (2002. p. 68),

[...] o discurso ambiental e suas aproximações metodológicas não expressam consistentemente os interesses dos grupos sociais em conflito. Dessa maneira, o discurso do desenvolvimento sustentável busca gerar um consenso e uma solidariedade internacional sobre problemas ambientais globais, apagando interesses opostos de nações e grupos sociais em relação ao usufruto e manipulação dos recursos naturais para o benefício de populações majoritárias e grupos marginalizados da sociedade.

Com o estudo desenvolvido para elaborar a dissertação: A Opulência Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo visualiza-se que o lixo não existe, pelo menos não existe enquanto matéria, ele é uma categoria que encontrou espaço fértil no modelo capitalista. Uma invenção que é *inculcada* no inconsciente coletivo, pois o jogar fora, livrar-se do velho, inútil ou desatualizado gera a necessidade de consumo. Ao recorrer a Filosofia, e lembramos que a vida é cíclica; como já dizia *Lavoisier* “na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

Para desvendar a problemática da questão ambiental, não adianta teoria sem prática, tampouco prática sem teoria; desse modo, paralelamente à implantação das medidas *mitigadoras*, faz-se necessário o trabalho de educação ambiental, no qual os que já estão sensibilizados agem dando exemplos, sendo multiplicadores. O caminho da mudança passa pela Educação Ambiental como mecanismo de sensibilização. Esta pode ser a ponte para a organização da sociedade em uma ação prática responsável, é preciso primeiro conhecer, depois entender para, só depois, atuar de forma *holística*.

A Constituição Brasileira, de 1988, em seu Art. 225 no capítulo VI – do Meio ambiente, Inciso VI, destaca a necessidade de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do Meio Ambiente” afirmando que para o cumprimento dos preceitos, constituições estaduais e leis municipais se fazem necessário à implantação da Educação Ambiental.

É estabelecido, em 1991, pelo MEC, (Portaria 678, em 14/05/91) que todos os currículos nos diversos níveis de ensino deverão contemplar conteúdos de Educação Ambiental. Mas, na realidade, será que todos os currículos de ensino abrangem essa proposta?

Para a execução dessas Leis, foi assegurado, por volta de 1995, que todos os projetos ambientais ou de desenvolvimento sustentável deveriam incluir como componentes, atividades de Educação Ambiental. Para esclarecer que esse trabalho é de suma importância na sociedade, em 1996, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC-Ministério de

Educação e Cultura, nos quais se inclui a Educação Ambiental como tema transversal do currículo.

Mesmo priorizada em documentos, a Educação Ambiental ainda é vista no espaço escolar de maneira restrita. Esta é desenvolvida através de práticas descontextualizadas, não interdisciplinares, que não proporcionam ao discente o desenvolvimento da criticidade e criatividade, para melhor desempenhar suas ações na *preservação e conservação* do meio ambiente.

Vale ressaltar que só em 1999 é aprovada a Lei 9597/99, que estabelece a Política Nacional da Educação Ambiental afirmando a necessidade de integração com a ciência e a tecnologia, tendo em vista um futuro sustentável para a humanidade. A Educação Ambiental representa uma das dimensões da educação e deve ser implementada em todos os níveis. Diante da lei, a Educação Ambiental deve ser medida através de proposta interdisciplinar, ou seja, na articulação das diversas disciplinas, e não isoladamente.

É necessário um currículo escolar que inclua a Educação Ambiental como uma dimensão teórico-metodológica. As escolas limitam a prática da Educação Ambiental a projetos temáticos que, muitas vezes, são desarticulados dos currículos escolares, causando a falta de articulação entre as áreas de conhecimentos.

As ações educativas são os mecanismos que levam os sujeitos a compreenderem a força que têm na sociedade, possibilitando, paulatinamente, uma influência no sistema político-econômico. Já se percebe que os princípios de supremacia popular foram absorvidos pelo neoliberalismo e que as deliberações estão nas mãos das organizações, corporações e outras entidades de âmbito global, o que dificulta a soberania nacional. Com isso, a luta fica muito mais difícil, apesar de a questão ambiental sempre ser referida em discursos vazios, emblemáticos e decorativos.

A política ambiental ainda não é considerada uma política social, pois está desvinculada das demais políticas públicas; não pode também ser considerada uma política de desenvolvimento, já que se segrega das demais políticas econômicas. A política ambiental precisa ser articulada com mais vigor nas demais políticas sociais, públicas e econômicas, para a mesma se ampliar, atingindo as várias dimensões sociais.

Leis e normas existem, mas, apesar de tantas normatizações, classificações, e determinações como a de serem os Estados e Municípios os responsáveis pela implantação, por exemplo, da Coleta Seletiva, e não as instituições privadas e os proprietários de imóveis urbanos, que já contribuem com a coleta e disposição do lixo por meio de taxa incluída no Imposto Territorial e Predial Urbano, o problema do lixo não é resolvido pela esfera pública que, apesar de ser responsável, o transfere para a esfera privada.

As pessoas têm necessidades; sabemos que necessidades generalizadas são questões ligadas à sobrevivência. Assim, apesar de ser algo extremamente subjetivo, existem questões que se entendem como necessidades básicas (comer–morar-sentir-se seguro) que mesmo as tentativas de sustentabilidade não deram conta de prover, posto que o desenvolvimento sustentável é um processo que continua a perceber a natureza como recurso.

Ao trabalhar o conceito de desenvolvimento sustentável, nota-se perfeitamente a idéia da natureza a serviço do homem. Porém a proposta dos atuais ecologistas, ambientalistas e estudiosos não é essa; é algo maior, que provoque alterações nas relações sociais e na estrutura social, um paradigma holístico – “uma teoria que expressa uma tendência à interação dos elementos do universo e em especial dos seres vivos, e não de uma soma destas partes” (Dicionário Aurélio, 2001). Sustentabilidade vai muito além de adequação de números; exige democratização do Estado e não sua substituição pelo mercado.

Todos os seres vivos, inclusive o homem, só podem sobreviver à custa de um constante reaproveitamento das substâncias necessárias a vida. Para isso, é necessário mudanças de comportamento. O fator mais importante para conseguir essas mudanças é a educação, sem ela não há respeito à vida, não há mudanças.

[...] esta constrói no indivíduo e na coletividade uma consciência de mudança de comportamento e atitudes que visam priorizar o meio ambiente. O homem precisa destas regras muito claras em sua consciência, pois somos predadores ambientais por excelência. (GRIPPI, 2001, p. 61-62)

Partindo do pressuposto apresentado pela Educação Ambiental, é fato que a Terra nos fornece o gás oxigênio, a água, os alimentos e os materiais de que necessitamos para nossa sobrevivência, e para continuarmos desfrutando de todos esses bens, precisamos *repensar* os nossos hábitos, *reduzir* o nosso consumo, *reutilizar* materiais e *reciclar* o lixo produzido por nós, *conservando* e *preservando* os recursos ambientais sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras.

Essa nova proposta é apresentada na perspectiva de gerar, para a sociedade civil, conseqüências positivas, pois a alternativa para o resíduo não pode virar apenas medidas comerciais, sem incorporar o valor social. Afirma Poletto:

Quando se deseja colocar a vida e o meio ambiente no centro de toda convivência social, é preciso implementar outro tipo de economia, assentada na cooperação e na participação, na solidariedade entre os seres humanos e com o meio ambiente. (POLETO, 2005, p.108)

O que esse educador popular argumenta é que se faz necessário à remodelagem da relação produtiva, sair do foco da livre iniciativa capitalista. Ainda na mesma obra, ele sugere um destino mais correto, não só para o lixo como para a vida.

O trabalho, a produção, e as trocas têm como objetivo central a geração de vida com qualidade para e com todos os envolvidos nas atividades. Faz-se intercâmbio e não comércio explorador e predatório. Criam-se redes diversificadas, e não monopólios e oligopólios. Em lugar da globalização capitalista neo-liberal, uma mundialização solidária com a participação de povos culturalmente diferentes que se enriquecem mutuamente e assentam novas bases para uma convivência pacífica. (POLETO, 2005, p.108)

Acredito que é chegada a hora da compreensão entre percepções, etnias e nações; o momento da unidade na diversidade planetária. Sendo assim, espero que este trabalho seja um passo para o amadurecimento de corações e mudança das mentalidades, pois a produção do conhecimento científico de forma ética e responsável contribui e inspira atitudes conscientes e sintonizadas com a vida, nosso bem maior.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. Ribeiro de. *Planejamento Ambiental*. Rio de Janeiro: Thex Editora/Biblioteca Estácio de Sá, 1993.

ART, Henry W (editor). *Dicionário de Ecologia e Ciências Ambientais*. 2 ed, São Paulo: UNESP/ Melhoramentos, 2001.

BAHIA. *As empresas e o diferencial de competitividade caminho da Agenda 21*. Governo do Estado da Bahia/SEPLANTEC-CRA, 1998, Caderno II.

BAHIA/Salvador/SEPLANTEC - Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. *Livro de Apoio ao Multiplicador*, 1994 (Projeto Metropolitano de Salvador-Componente Limpeza Urbana. *Programa de Educação Ambiental: A Natureza da Paisagem da Bahia*).

\_\_\_\_\_, Salvador. SEPLANTEC. *O lixo pode ser um tesouro: Um monte de novidades sobre um monte de lixo*. Livro 1, 1994.

\_\_\_\_\_, Salvador. SEPLANTEC. *O lixo pode ser um tesouro: Um monte de novidades sobre um monte de lixo*. Livro 2, 1994.

\_\_\_\_\_, Salvador. SEPLANTEC. *O lixo pode ser um tesouro: Um monte de novidades sobre um monte de lixo*. Livro 3, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima e FERNANDES, Rubem César. (Coord). *Redução das desigualdades sociais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima e BURSZTYN, Marcel. (Coord). *Ciência & tecnologia para o desenvolvimento sustentável*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima e FERNANDES, Marlene Allan. (Coord). *Cidades sustentáveis: subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecologia Grito da Terra, Grito dos Pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

BORGES, A. *Mercado de Trabalho e vulnerabilidade social*, texto digitado, Caderno CRH, 9 p. 2001.

BRANCO, Sandra. *Educação Ambiental: metodologia e prática de ensino*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.



BRASILIA. *Agenda 21 Brasileira*. Resultado do Conselho Nacional. Ministério do Meio Ambiente, 2002.

BRASILIA. *Atlas do meio ambiente do Brasil*. Brasília: EMBRAPA-SP: Terra viva, 1996.

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAPRA, Fritjof. *Sabedoria incomum*. 9 ed, São Paulo: Cultrix, 2003.

\_\_\_\_\_. *As Conexões Ocultas*. Ciência para uma Vida Sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARLOS, Ana Fani A. *Espaço e Indústria*. A geografia e a cidade. A indústria e a urbanização. A metropolização e o espaço transnacional. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. *A. Espaço-Tempo na metrópole. A fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Genebaldo Freire. *Pedagogia Ecológica e a Sustentabilidade Humana*. São Paulo: Gaia, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação ambiental. Princípios e práticas*. 7ed, São Paulo: Gaia, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ecopercepção: um Resumo Didático dos Desafios Sócio Ambientais*: São Paulo: Gaia, 2004.

DORNELLES, Denise Freitas e CAMARGO, Marisa. *Serviço Social e meio ambiente: um diálogo em construção*. Frederico Westphalen: Ed. URI, 2005. Vol I.

DORNELLES, Denise Freitas. *Direitos humanos e Pobreza na sociedade contemporânea: Não há Equação Possível: In: Serviço Social e Realidade*, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário AURÉLIO da Língua Portuguesa*. 3º ed, Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Leila da Costa. *A questão ambiental. Sustentabilidade e políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

FRANCO, Augusto. *Por que precisamos de um desenvolvimento local e integrado*. In: Século XXI. Brasília: MILLENNIUM n. 3: 144, 2000.

FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Campinas - São Paulo: Papirus, 1994.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990.

GRANA, Roberto C. *Ecodesarrollo Humano o Capitalismo e Impérios*. Buenos Aires; Espacio, 2004.

GRIPPI, Sidney. *Lixo: Reciclagem e sua história: guia para as prefeituras*. Rio de Janeiro: Interferência, 2006.

GROSSI, Gabriele. *O luxo do lixo: uma etnografia dos catadores de lixo*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2003.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1989.

GUERRA, C.F. (1993) *O Fordismo, sua crise e o caso brasileiro*. Cadernos do CESIT 13: 14-28.

GUERREIRO, Gabriela Vianna. *Saneamento básico, uma relação com desenvolvimento e qualidade de vida. Uma experiência com o Bahia Azul*. Salvador: Universidade Católica do Salvador. 1999 (Monografia, Curso de Especialização).

GUIMARÃES, Mauro. *A Dimensão Ambiental na Educação*. Campinas: Papirus, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

HARVEY, David. *A Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

KOGA, Dirce. *Medidas de cidades entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.

KONDER, Leandro. *O que é a dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LACOSTE, Yves. *Geografia do subdesenvolvimento*. São Paulo: Difel. 1985.

\_\_\_\_\_. *Os países subdesenvolvidos*. 17ª ed, São Paulo: Difel, 1985.

LAGO, Antônio e PÁDUA José Augusto. *O que é Ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEFEBRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. 2ª ed, São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. (Coord). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez/Edifurb, 2003.

*Leis Federais e Estaduais de Meio Ambiente. Caderno IV. Outras Disposições*. Bahia: Governo do Estado da Bahia/ SEPLANTEC-CRA, 1998.

*Leis Federais e Estaduais de Meio Ambiente*. Bahia: Governo do Estado da Bahia/SEPLANTEC-CRA, 1998. Caderno I. Legislação Básica.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *O movimento ambientalista e o pensamento crítico, uma abordagem política*. Rio de Janeiro: Quarteto, 2003.

MARIOTTE, Humberto. *As Paixões do Ego. Complexidade, política e solidariedade*. São Paulo: Pallas, 2008.

*Mente e Cérebro*. Edição Especial. Psicologia do Consumo. São Paulo: Duetto. Set. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). *Pesquisa social*. 23º ed, Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 4ª ed, São Paulo: Hucitec – Rio de Janeiro: Abrasco.1992.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORIN, Edgar. *O método 1. A natureza da natureza*. 3º ed, Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

\_\_\_\_\_. *O método 2. A vida da vida*. 2ª ed, Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

\_\_\_\_\_. *Ciência com Consciência*. 9ª ed, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cultura de Massa no século XX: neurose*. 9ª ed, Rio de Janeiro::Editora Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. 3ª ed, Porto Alegre: Sulina, 2002.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente; Saúde*. Brasília: Ministério de Educação, 1997.

PELIZZOLI, M. L. *A Emergência do Paradigma Ecológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

POLETO, IVO. *Brasil, Oportunidades Perdidas: Meus dois anos no governo Lula*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE – *O bem estar humano, a pobreza e os serviços dos ecossistemas*. IIDS. 2005.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE – *Fortalecimento da governabilidade democrática e o desenvolvimento humano estar humano*. IIDS. 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD Relatório do Desenvolvimento Humano. Além da escassez, poder, pobreza e a crise mundial da água. 2006.

PORTILHO, Fátima. *Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2005.

RATTNER, Henrique. *Liderança para uma sociedade sustentável. Globalização versus ação local. Tecnologia e desenvolvimento para todos? A busca de um modelo alternativo*. São Paulo: Nobel, 1999.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado. In SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). *Território brasileiro: usos e abusos*, Campinas: Territorial, 2003.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Produção e Consumo do e no Espaço*. Problemática Ambiental Urbana. São Paulo: Hucitec, 1998.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Por que o moderno envelhece tão rápido?* Dossiê Walter Benjamin, Nº15, pp.110-, nov/92.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento, incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *A globalização e as Ciências Sociais*, São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. *Por uma economia política da cidade. O caso de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Editora da PUC, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pobreza urbana*. 2ª ed, São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. *Território e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pensando o espaço do homem*. 4ª ed., São Paulo: Hucitec.1997.

TRANSPETRO. *Cartilha Ecoleta: selecionar para proteger*. Salvador, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira. 2000.

UNCTAD, Conferência sobre comércio e desenvolvimento - Gênova, 2001.

VICTORINO, Célia Jurema Aito. *Canibais da natureza: educação ambiental, limites e qualidades de vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

### **Sites Pesquisados:**

<[http://www.adital.com.br/site/noticias.asp?lang=PT&cód=2455\\_43](http://www.adital.com.br/site/noticias.asp?lang=PT&cód=2455_43)>acesso em: 20/07/07.

<[http://www.interfaclhs.sp.senc.br/brtraduções.asp?ed=18cod\\_artigo12](http://www.interfaclhs.sp.senc.br/brtraduções.asp?ed=18cod_artigo12)>acesso em: 10/04/07.

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>acesso em: 01/08/08.

<<http://www.1.folha.uol.com.br/fsp/>>acesso em: 01/05/07.

## GLOSSÁRIO

Agenda 21 - foi um dos principais resultados da conferência Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992.

Antrópico - o princípio antrópico estabelece que qualquer teoria válida sobre o universo tem que ser consistente com a existência do ser humano. Ação humana.

Assoreamento - é a obstrução, por sedimentos, areia ou detritos quaisquer, de um estuário, rio ou canal. Pode ser causador de redução da correnteza.

Bauxita - também conhecido como bauxite, é um mineral que ocorre naturalmente. A bauxita é um material heterogêneo, composto principalmente de um ou mais hidróxidos de alumínio, e várias misturas de sílica, óxido de ferro, dióxido de ferro, dióxido silica, óxido de ferro, dióxido de titânio, silicato de alumínio e outras impurezas, em quantidades menores.

Biosfera - é o conjunto de todos os ecossistemas da Terra. Incluem-se na biosfera todos os organismos vivos que vivem no planeta, embora o conceito seja geralmente alargado para incluir também os seus habitats.

Cartesiano - método de René Descartes que consiste na realização de quatro tarefas básicas: **verificar** se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada; **analisar**, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades de composição, fundamentais, e estudar essas coisas mais simples que aparecem; **sintetizar**, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro; e **enumerar** todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.

Chorume - líquido altamente tóxico que resulta da decomposição da matéria orgânica associada com os metais pesados.

Chuva ácida – é considerada a toda chuva que possui um valor de pH abaixo de 4,5 unidades. Esta acidez da chuva é causada pela solubilização de alguns

gases presentes na atmosfera terrestre cuja hidrólise seja ácida. Entre estes destacam-se os gases contendo enxofre, proveniente das impurezas da queima dos combustíveis fósseis.

Combustão - ou queima, é uma reação química exotérmica entre uma substância (o combustível) e um gás (o comburente).

Conservar - implica manejar, usar com cuidado, manter.

Contraste - (visão), a diferença nas propriedades visuais que faz com que um objeto seja distinguível de outros e do plano de fundo.

Desnaturalizar - deixar de ser natural, perder a originalidade, adaptando-se a processos que redefinem a sua funcionalidade.

Dialética - na Grécia Antiga, a arte do diálogo, da contraposição e contradição de idéias que leva a outras idéias. Tese-antítese-síntese.

Efeito Estufa - é um processo que ocorre quando uma parte da radiação solar refletida pela superfície terrestre é absorvida por determinados gases presentes na atmosfera. Como consequência disso, o calor fica retido, não sendo liberado ao espaço. O efeito estufa, dentro de uma determinada faixa, é de vital importância pois, sem ele, a vida como a conhecemos não poderia existir.

Efluentes - são geralmente produtos líquidos ou gasosos produzidos por indústrias ou resultantes dos esgotos domésticos urbanos, que são lançados no meio ambiente.

Empiristas - militantes do movimento que acredita nas experiências como únicas (ou principais) formadoras das idéias, discordando, portanto, da noção de idéias inatas.

Estratificação - estratificação social, dividir a sociedade em camadas, indica a existência de diferenças, de desigualdades entre pessoas de uma determinada sociedade.

Fetichismo - a palavra tem origem francesa e significa feitiço. O fetichismo é, sobretudo, uma espécie de obsessão por alguma coisa, uma situação, pessoa, ou parte da pessoa. Uma reação ou fixação incontrolável que dá origem a um prazer intenso.

Gatos de energia – ligações clandestinas para obter energia elétrica.

Gás metano - composto orgânico, gás incolor, inodoro de fermentação anaeróbica.

Hibridação - significa alterar a forma dos orbitais, hibridização, ou hibridação, é o processo de formação de orbitais eletrônicos híbridos.

Habitat - (do latim, *ele habita*) é um conceito usado em ecologia que inclui o espaço físico e os factores abióticos que condicionam um ecossistema, por essa via determinam a distribuição das populações de determinada espécie.

Hipertelia- Baudrillard conceituou “hipertelia” como aquilo que vai para além dos seus próprios fins e se anula na sua funcionalidade.

Hipótese Gaia - A hipótese Gaia, de autoria de Sir James Lovelock, apresentada a NASA, na realidade não se trata de uma hipótese e sim uma arqueo-concepção do universo.

Holismo - ou visão holística é uma maneira de ver o mundo, o homem e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas.

Homeostase (ou Homeostasia) - é a propriedade de um sistema aberto, seres vivos especialmente, de regular o seu ambiente interno de modo a manter uma



condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação interrelacionados.

Inculcada - incorporado de forma inconsciente, aprendido involuntariamente.

Invariância - em matemática e física teórica, invariância é uma propriedade de um sistema e suas grandezas, as quais permanecem imutáveis, caracterizando uma grandeza invariante, sobre qualquer transformação.

Lixão - é uma forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos, que se caracteriza pela simples descarga do lixo sobre o solo, sem medidas de proteção.

Mananciais – fontes de água, superficiais ou subterrâneas, utilizadas para abastecimento humano e manutenção de atividades econômicas.

Material particulado - (com sigla em inglês, PM) são partículas muito finas de sólidos ou líquidos suspensos num gás.

Mitigadora - medida para minimizar os riscos, amansar, aliviar, abrandar.

Monóxido de Carbono - (CO) é um gás não inflamável, incolor, inodoro e muito perigoso devido à sua grande toxicidade.

Nitratos - sal formado pela ação do ácido nítrico sobre os óxidos metálicos, hidróxidos e carbonatos; nesses derivados o nitrogênio é pentavalente positivo.

Ontológica - relação ontológica se dá entre objetos na realidade empírica; estes objetos têm contigüidade no espaço ou no tempo.

Paradigma - é a representação de um padrão a ser seguido. É um pressuposto filosófico, matriz, ou seja, uma teoria.

Preservar- significa não usar ou não permitir qualquer intervenção humana significativa.

Racionalista - o racionalismo é a corrente filosófica que iniciou com a definição do raciocínio, que é a operação mental, discursiva e lógica.

Semiótica - é o estudo dos signos, ou seja, as representações das coisas do mundo que estão em nossa mente.

Sustentabilidade - é um conceito sistêmico, relacionado com o equilíbrio dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana.

Tecnociência - é um conceito amplamente utilizado na comunidade interdisciplinar de estudos de ciência e tecnologia para designar o contexto social e tecnologia da ciência.

Tecnoestresse - mal (como irritabilidade, frustrações, nervosismos, impaciência) que atinge os profissionais que não conseguem se desligar dos benefícios proporcionados pela tecnologia.

The Limits to Growth - publicação do Clube de Roma é o Relatório Meadows, de 1972.

Transpetro - A Petrobras Transporte S/A (Transpetro) é uma empresa brasileira, subsidiária integral da Petrobras. Tem como finalidade realizar o transporte de petróleo.

## **ANEXO A: Entrevista de Sondagem**

### **1- Identificação:**

Nome- \_\_\_\_\_

Idade- \_\_\_\_\_

Sexo- \_\_\_\_\_

Grau de instrução- \_\_\_\_\_

Endereço residencial- \_\_\_\_\_

Condição de moradia- \_\_\_\_\_

Renda familiar- \_\_\_\_\_

Quantidade de residentes na casa- \_\_\_\_\_

### **2- Sobre a relação com os resíduos sólidos:**

- a) O que é lixo para você?
- b) Como esta à limpeza da sua cidade?
- c) O que você costuma jogar fora, no seu lixo doméstico?
- d) Como você acondiciona o lixo, em casa?
- e) Você aproveita as embalagens dos produtos que compra? Como?
- f) Você costuma consertar os aparelhos elétricos quando apresentam defeitos?
- g) Você costuma trocar os seus aparelhos por modelos mais novos?
- h) Quando você se desfaz dos aparelhos tecnológicos, qual o destino dado?



# O que a percepção de interdependência tem a ver com o consumo consciente?

## TUDO MORAL DA HISTÓRIA

Repensando alguns hábitos cotidianos – por mais simples que sejam – você pode influenciar pessoas e contribuir para mudar o mundo para melhor. As decisões que você toma, por mais banais que possam parecer, afetam a todos, inclusive você mesmo.

### CONSUMO CONSCIENTE

ato de consumir com a compreensão do impacto que ele tem sobre o planeta e orientado para a sustentabilidade.

### PERCEPÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA =

Entender que cada atitude sua como cidadão e consumidor gera uma reação em cadeia que afeta todas as outras pessoas, o meio ambiente, as relações sociais e a economia.



Saiba mais sobre este assunto em [www.planetasustentavel.com.br/especiais/consumo](http://www.planetasustentavel.com.br/especiais/consumo)



Idéias inovadoras em ambiente, energia, negócios, urbanismo, consumo, lixo, desenvolvimento, saúde e educação

VEJA O QUE ESTÁ ACONTECENDO E O QUE VOCÊ PODE FAZER EM [www.planetasustentavel.com.br](http://www.planetasustentavel.com.br)

Fonte: Hélio Mustar, diretor do Instituto Abril pelo Consumo Consciente e conselheiro do Planeta Sustentável

## ANEXO C: Termo de Consentimento Livre, Após Esclarecimento

Universidade Católica do Salvador  
Superintendência de Pesquisa e Pós Graduação  
Mestrado de Políticas Sociais e Cidadania

Eu, (*nome do voluntário*), li/ouvi o esclarecimento e compreendi para que serve o estudo **A Opulência Planejada e a Dúvida do Destino do Lixo**. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Sendo assim, eu concordo em participar do estudo.

Alagoinhas,...../ ...../.....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

\_\_\_\_\_  
Documento de identidade

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato do pesquisador: (71) 91910208

OBS.: Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)